

O Filho do vendeiro.

— Drama original —
/ Familiar /

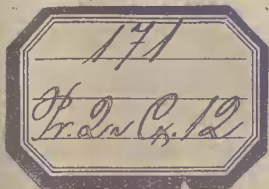
Vol. 18

em
1 Prologo e 4 actos

Por
Alfredo Campos.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Lisboa
1869



O Filho do vendeiro

— Drama original —
Familiar

— 1 Prologo ^{em} e 4 actos —
Por
Alfredo Campos

Personagens do drama

João Seabra de Carvalho, — proprietario
Cecilia de Carvalho, sua filha
João Paes — vendeiro de Seabra
Angelo, seu filho
Manoel Borges, Capitalista
Luiz Borges, seu filho
Carlos d'Azevedo, medico
Amelia Borges, filha de Manoel Borges
D. Mathilde
Adelaide, sua filha

Creados. — Scena, actualidade

Personagens do prologo

João Seabra de Carvalho -	48 annos
Cecilia -	14 "
João Paes	45 "
Angelo	14 "
Creado Theodoro	16 "
Creadas	

Prologo

Jardim d'uma quinta na provincia da Beira;
arvores e flôres, bancas e mèsas de pedra ou
madeira; a E. do espectador um caramanchão
de trepadeiras com mèsas e bancos. Ao F. um
pontão de madeira, atravessando um regato;
chovees, como g.^l bordando as margens do regato.

= Scena 1.^a =
Seabra e Cecilia

/Sentados no caramanchão conversam ambos, Cecilia
brinca distrahida com umas estatuetas de madei-
ra, toscas./

Seabra
E é muito amiga d'elle?

Cecilia
Ora! se sou! e o papá não o é também?

Não tem pena d'elle?

Seabra

Tenho pena, sim, filha; e estimo-o; por q. não?

Cecilia

Triste, Coitado! Se o papai visse como elle estava tão triste q.º outro dia me deu estas estatuetas, feitas por elle! Queria agora decer-me o abraço q. lhe dei, mas coitado! fazia-se amarello e vermelho por não poder fallar! É uma coisa tão dolorosa a gente ser muda, não é?

Seabra

Oh! se é, filha.

Cecilia

Eu bem me tenho mattado p.ª q. appren-
da a fallar, mas elle nem uma so pala-
vra ponde dizer ainda. Se o papai lhe
pedisse e elle tornasse, talvez q.º....

Seabra

Lá por isso não seja a duvida; mas parece-me q. de nada servirá o meu pedido. Hade fallar se Deus quizer, se Elle não quizer....

Cecilia

Oh! então pedirei a Deus, porq. elle é bom e hade ouvir-me.

Seabra

Christo é pai de todos e nunca deixa de

ouvir os q.^l imploram a sua graça.

Cecilia

O papá se elle não fosse mudo, o papá havia de deixal-o ir comigo p.^a Lisboa, não é' vero?

Seabra

Deixava; mas p.^a q.^l o guerias tu lá?

Cecilia

Para quê? Olhe; ia connosco; o papá mandava-lhe ensinar a lêr, a escrever e estudar como eu, p.^a depois q.^l chegasse a ser homem poder ganhar dinheiro p.^a elle, p.^a o João Paes e p.^a os irmãos q.^l são todos m.^{to} pobresinhos. Não era tão bom?

Seabra

Era, era, Cecilia. É' um anjo.

Cecilia

Triste, Oh! mas assim, coitado! / Alegrando-se e levantando-se. Não tem duvida. Eu hei de pedir a Deus q.^l lhe dê voz, e elle hade lê-la, vera.

Seabra

Pois sim, filha.

Cecilia

4
Agora vou vêr as m.^{as} flôres. / Beija Seabra /
Seabra

Vae com cautella não apanhes sol!
Cecilia

Eu não me demoro, papá! Vou arranjar
um raminho de rosas e cravos p.^a dar a
Angelo q.^{do} vier logo. Hoje havemos de brin-
car ainda mais do q.^o hontem. / Sae correndo /
Seabra

Tontinha!

= Scena 2.^a =
Seabra 1.^a

Seabra

Vendo Cecilia a correr. / Vae, anjo, e q.^o os ceus
te abençoem sempre! Bem se vêem, bo-
tão de rosa, os thesouros q.^o teu coração
encerra! Deus deu-me a tristeza de levar-
me a esposa idolatrada, mas compenhou-me
bem, deixando-me a filha, q.^o é um anjo a
substituí-la. Não ha flôr q.^o não tenha um
raio de sol p.^a a aquecer e animar, e Deus
não quiz q.^o as flôres de minha alma morres-
sem.

sem a' mingua de um raio de luz, por q.
me deu em Cecilia o astro q. me guia, q.
me anima e vivifica / Spontando p.º onde
Cecilia partira, Ha alli um coração genero-
so e uma alma, q. desabrocha p.º nobillis-
simos sentimentos. Ha alli o q. quer q. e' d'u-
ma inspiração celeste... Aquella innaba-
lavel fe' nas suas orações a Deus, p.º q.
dê voz ao rapaz... aquelles constantes pe-
didos p.º q. eu o leve p.º Lisboa... fazem-
me crêr no futuro... fazem-me accredi-
tar, q. uma força superior me destina
a missão de proteger o desgraçado mu-
do. E por q. não, se graças a Deus eu pos-
so bem?

= Scena 3.ª =
Seabra e um Creado.

Seabra
Vem do correio, Antonio?
Creado

Saiu Sr. q. sim.

Seabra

Foi a casa de João Paes?

Creado

Fui sim, meu Snr. O pequeno partiu de madrugada com o gado p.^o o monte, mas o pai apenas soube q.^a a menina tinha desejos q.^e elle viesse mandou immediatam.^{te} chamal-o. Não deve tardar.

Seabra

Bem; dê cá as cartas e os jornaes. Toma as cartas e os jornaes. Espere. Lê

Scena 4.^a
Os m.^{os} e Cecilia

Cecilia

Vendo o creado desce a correr; Vem só, Antonio?

Creado

Venho, m.^a menina.

Cecilia

Afflicta; E Angelo?

Creado

Não deve demorar-se.

Cecilia

Então vem?

Creado

Vem, menina.

Cecilia

E por q' não esperou por elle?

Creado

Tinha ido de manhã p.^a o monte, mas como a menina mandou dizer ao João Paes q' o queria cá hoje, mandaram logo chama-lo.

Cecilia

Quero, sim e todos os dias. Alhe, Antonio, q.^{do} lá' voltar hade dizer-lhe q' eu e as m.^{as} flôres o queremos cá sempre.

Creado.

Não me esquecera' m.^a menina.

Seabra

Acabando de lêr as cartas. Pode ir, Antonio; não é' necessario mais nada. O creado sae.

Cecilia

Beijando Seabra. Agora já' estou mais contente, papa.

Seabra

Tambem eu.

Cecilia

Tambem?

Seabra

Sim, e só por te vêr tão alegre, longui-
nha!

Cecilia

Então venha comigo; vamos acabar de
arranjar o ramo p.^o Angelo. Toma-lhe a mão.

Seabra

Deixando-se ir até certa distancia. Vae tu; q. eu
espero-te aqui em q.^{to} leio os jornaes.

Cecilia

Pois sim, papá! Sae p.^o o F.

= Cena 5. =
Seabra

Seabra

Sentado em um dos bancos, olhando Cecilia. Faz-
me bem aquella alegria! Espelho em
q. me revejo sempre! Pegando nos jornaes.
Vejam os agora o estado da politica. Abri-
do um jornal. Tudo e' necessario, tudo. Len-
do. „ Cahi o ministerio! „ Declamando.
Eh! eh! não o dizia eu! Realizou-se a
m.^a prophecia. Lendo. „ Vingaram ainda

uma vez os principios constitucionaes. Le-
vantado sobre os escudos populares, mostra-
ra-se o gabinete ao principio robusto e va-
lido. Ostentára força herculea, bastante
p.^a arcar com todas as difficul.^{es}. „Declaman-
do. Não tem duvida, q. foi assim. [Lendo.]
Escorado na opiniao, q.^l se havia manifesta-
do favoravelm^{te} em presença do seu prom-
isso programma, dispôz a seu bello pra-
zer das gallas da opiniao. Abuzou até dos
favores e da benevolencia publica! „Decla-
mando. Fêz o q.^l fazem todos. [Lendo.] „ Huiz
manifestações solicitou-as e leve-as. Huiz
poderes extraordinarios, leve-os. Huiz a
Dictadura e investiu-se com ella facil^{mente}.
Mas p.^a q.^l fôra tanto apparato de forças,
tanta ostentação de vida? A dictadura
exerceu-a miserri^{mente}. Não soube jus-
tificar-a. „ Deixando o jornal. O resultado era
facil de prever. Cahir, mas cahir de
um modo pouco lisongeiro. Agora deve
a situação melhorar um pouco. Pelo
menos e de esperar.

7

= Cena 5 =
Seabra e Angelo

Seabra

/Angelo entra com timidez, olhando p.^a todos os lados,
como procurando ver alguém. Traz o chapéu na
mão vê Seabra e dirige-se a elle, Ola' es' tu, meu
rapaz!

Angelo

/Aproxima-se e cumprimenta-o com a cabeça./

Seabra

Vieste so'?

Angelo

/Indica q. sim por meio de gestos./

Seabra

E teu Pai?

Angelo

/Indica q. vem mais atraz./

Seabra

Apressaste-te mais do q. elle, hein?

Angelo

/Olhando sempre p.^a todos os lados indica q. sim./

Seabra

Gostas m.^{to} de vir p.^a cá?

Angelo

Solta uns sons ininteligiveis e faz gestos como querendo dizer = m.^{to}! m.^{to}!

Seabra

É es m.^{to} amigo de Cecilia?

Angelo

Esforça-se ainda mais p.^a mostrar q.^e sim e limpa as lagrymas.

Seabra

Ella e eu tambem somos teus amigos, Angelo.

Angelo

Solta um arrancho como querendo fallar e nada consegue, dirige-se a Seabra e começa a beijar-lhe as mãos chorando.

Seabra

Commovido. Então pequeno. Lagrimas. Basta, basta. Slisando-lhe o cabello e tomando-lhe uma das mãos. E então não estou guaze chorando tambem! Riso forçado. É q.^e estas coisas sensibilisam de véras! Um coração de pai sabe bem o q.^e isto vale. Ora vamos, basta de chorar; Cecilia anda por ahí; vae ter com ella, vae-te divertir,

vae meu pequeno. / Angelo volvesse p.^a ir,
 Cecilia apparece ao F. com um ramo de flores na
 mão; os dois vêem-se e correm um p.^a o outro. /

= Scena 7.^a =
 Os m^{mos} e Cecilia

Cecilia

Correndo. Angelo!

Angelo

Corre esforçando-se por fallar, mas estaca pronunciando apenas estas duas syllabas: Ceci...

Seabra

Sh! Parece-me q. lhe ouvi pronunciar o nome de Cecilia!

Cecilia

Falla, falla meu amiguinho.

Angelo

Novos esforços, mas nada diz, fica triste indicando q. não pode.

Seabra

Cecilia, não o amaria mais se fosse seu irmão. Nunca vi uma sympathia assim!

Cecilia

Não podes não? mas tens tentado?

Angelo

Indica q. sim.

Cecilia

E hasde continuar, por q. eu heide pedir a Deus q. te dê voz, e elle hade ouvir a m.^a oração. Mas por q. não foste procurar-me? Não te lembravas de mim?

Seabra

Lembrava, sim Cecilia! mas eu e' q. o demorei. Sempre es m.^{to} egoista; so o queres ao pé de ti?

Cecilia

E das m.^{as} flores tambem, papai.

Seabra

E agora q. ides fazer?

Cecilia

Alhe; primeiro vamos a casa; Angelo vae comer alguma coisa, não e' vero?

Angelo

Encolhe os hombros.

Seabra

Sorrindo. E depois?

Cecilia

Depois? conversaremos m.^{to}; elle das suas es-
tatuasinhas e eu dos meus cravos e das m.^{as}
rosas.

Seabra

Mas como? se elle, coitado, não pôde fallar?

Cecilia

Ora essa! Então eu não entendo tudo
q.^{to} elle me diz? E depois verá, papá;
parece-me q. ainda heide fazer q. elle
falle!

Angelo.

Indica q. sim.

Seabra

Comsigo. Salvêz tenha poder p.^o tanto!

Cecilia

Tomando Angelo e Seabra pelas mãos, Vamos
então a casa. Venha também, papá, venha,
sim?

Seabra

Vamos lá. Tomam os jornaes e cartas; sahem todos.

= Cena 8.^a =
João Paes

João.

Entra de chapéu na mão, jaqueta ao hombro e co-
mo q.^l procurando alguém: / Julguei q.^l estariam
p.^o aqui, mas enganem-se. Não de estar em
casa entretidos com o pequeno. / Senta-se e
começa a voltar distrahi-dan-te o chapéu entre
as mãos. / Louvado seja Vosso Senhor, isto
é uma familia de boas almas! Não ha
outra por estas terras, isso não ha! O Sr.
Seabra é um homem honrado ás directas,
e a menina Cecilia é m.^{ma} uma santa
peguenina! Olhem q.^l até se parece com
a Virgem do altar mór, Deus me perdoe!
O Diabrete do pequeno lá teve artes p.^o os
enfeiticar e agora é os seus encantos.
Triste. / O q.^l me cobre o coração de tristeza,
é elle ser mudo, lá isso é verd.^e Mas
Deus assim o quiz paciencia. Tenho cá
por dentro / Mão no coração. / m.^{as} aquellas
de q.^l o rapaz havia de ter um bom pa-
drinho no Sr. Seabra. É verd.^e q.^l o
Sr. cirurgião Julio já me disse q.^l elle
podia vir a fallar, mas q.^l era preciso
uma coisa q.^l o chocasse m.^{to}, m.^{to}, mas

q.º isso era m.º serio, por q.º o rapaz ou podia ter falla ou podia morrer. Nada; dava tudo, se tivesse alguma coisa, p.º o vêr fallar, mas antes o quero assim do q.º vê-lo amortalhado. Sempre é meu filho! Lá por a gente ser pobre não se segue q.º não tenha amor aos seus!

= Cena 9.ª =

João e Theodoro.

Theodoro

Theodoro, rapaz d'aldeia, mas gaiato, vae atravessando a scena, leva um ninho na mão e cantando,

Quando te eu vi logo disse:
lindos olhos para amar!
linda boquinha p'ra beijos
Se tu m'os quizeras dar...

João.

[Interrompendo-o.] Oh. o Theodoro.

Theodoro

[Assusta-se mas serena-se vendo João.] Olá, sôr João.

João

Sempre com cantiguinhas amorosas, seu meliante!

Theodoro

Esta é nova; quer ouvir? Começa a cantar.
Quando te eu vi logo disse:

João.

Que diabo levas tu ahí? Interrompendo-o.

Theodoro

É um ninho de melros dos salgueirais da ribeira.

João.

Bom melro q. tu és. É a respeito de trabalho? Nada, hein?

Theodoro

Estou aqui, estou a ir jantar.

João

Sim Sur.; olha não morras de cansado.

Theodoro

Não tem perigo, sôr João - como querendo
deter passaritos q. estejam no ninho. Eh! então!
mas q. me arrenego! Não quer mais nada, sôr João?

João.

Anda lá, anda lá, vae-te embora-

Theodoro

Então com sua licença, vae-se cantando,

quando te eu vi logo disse:

lindos olhos para amar! etc. etc.

João

Coitado! e' feliz! sempre alegre! sempre!

— Scena 1.^a —

João, Seabra, Cecilia e Angelo.

Cecilia

Vendo João q.^{to} vae a dirigir-se p.^o o F. Sh. o João
Paes!

Escola Superior de Teatro e Cinema

João

Um creado de V.^{ra}, m.^a menina. Seabra,

Nosso Senhor lhes dê felizes dias.

Seabra

Adeus, João.

Cecilia

Estou m.^{to} zangada consigo.

João

Conigo, m.^a pomba?

Cecilia

Seabra. / E tenho ou não tenho razão, papá?

Seabra

Mundo. / Muita! muita!

Cecilia

Pois o João sabe q. eu quero cá o Angelo
todos os dias, e manda-o assim sem mais
nem menos p.º o monte?

Angelo

Sorri e olha expressivamente p.º Cecilia.

João

E' vero q. as ^{Elas} estimam e querem mto
ao rapaz, mas como estou sempre a lem-
brar-me de q. virá p.º cá estorvat-os, in-
commodat-os ou dar-lhes desgostos, eis
a razão...

Cecilia

Óra q. lembrança, João!

João

A menina diz bem, mas a gente está
sempre com medo q. elle faça alguma
diabrura.

Cecilia

Então não é elle já um homem? e não
sou eu uma mulher?

Seabra

Quando. / Ah! Ah! Ah!

João

Idem. / Eh! eh! eh! Elle é um desgraça-
dinho, e Sr.^a m.^a menina é um anjinho
do céu é uma santinha!

Cecilia

Ara! já começa! sempre é bem mau! Tomam
do Angelo pelas mãos, Vamos embora. Deixe-
mo-lo com o papá. Vamos regar as nossas
flôres, q.^a ainda hoje as não viste.

Angelo

Olha p.^a Seabra como q.^m pede permissão.

Seabra

Vae com a menina, vae. Não aparkhes m.^{to}
sol, Cecilia. Angelo e Cecilia saem.= Cena II. =
Seabra e João.

João

Olhando p.^a Cecilia. Sr.^a deve ser m.^{to} feliz
com aquelle anjinho! Tem um coração
tão meigo!

Seabra

É um dos maiores benefícios q. devo a Deus.
Pregosija-me este coração de pai!

João

Tambem ninguem o merece tanto como
V. Ex. Toda a gente o diz.

Seabra

Sou um pai como todos os pais. Tenho
uma filha, adoro-a, estremeço-a e ella,
gracas ao ceu, paga-me bem com as su-
as alegrias, com as suas meiguices e
com os seus carinhos. Parece-me q. não
ha pai q. não olhe assim p.^a os seus
filhos, nem filho q. não tenha coração
p.^a seus paes.

João

É assim, é, meu fidalgo - mas ás vezes
lá apparece uma ovelha q. se tresma-
tha do rebanho... Eu apesar de pobre-
louvado Deus - não tenho razão de quei-
xa. Como o outro q. diz, a pobreza tam-
bem tem as suas alegrias. O q. m.^{tas} ve-
zes me cobre o coração com um véo
negro e o eu vêr o pobresito do meu

Angelo, assim, sem falla. Mas paciência
e Deus q.º o manda.

Seabra

E Deus hade querer q.º elle um dia chegue
a deixar de ser mudo.

João.

Os ceus o ouçam, Sr. Talvez q.º alguma
santa esteja a pedir por elle, q.º sabe?

Seabra

Você tem m.º amor aos seus filhos, João.

João.

Admiradissimo. Ora essa! Que pergunta, Sr.?
Então não heide ter?

Seabra

E se houvesse uma pessoa q.º quizesse to-
mar conta de um, o q.º faria você, João?

João

Atropalhado. Eu? o q.º faria?... eu... sim...
oh! já não ha d'isso, já não ha d'isso!
Encargos todos os têm, ninguém quer
mais.

Seabra

Pois sim. Mas supponha q.º o seu An-
gelo obtinha por qualquer circumstancia

o dom da palavra, e q.^l havia uma pes-
soa q.^l se encarregava de o educar, de o ins-
truir, de o fazer, finalm^{te} um homem pro-
veitoso a si, á sua familia e á socied.^e;
q.^l diria você, João? deixava-o ir ou pre-
feria antes deixá-lo na sua companhia?

João.

[Embaracado.] Eu Sr.^o, ... eu ... olhe tanto
monta como não, deixava-o ir. Havia-
me de custar m.^{to} a tristeza da sua
falta, mas ao menos também a gente
se alegrava de o vêr fazer um homem
de bem.

Seabra

Nos os paes chegamos ás vêzes a ser lou-
cas pelos filhos!

João

Se elles são as meninas dos nossos olhos!

Seabra

Tenho-me capacitado m.^{tas} vêzes q.^l m.^a
filha é inspirada pelo ceu. Loucura,
bem o sei, mas loucura de pai; tem
desculpa. E creio q.^l o seu Anjo ha de
um dia deixar de ser mudo.

João

Óxala' q. fosse hoje, bendito Deus!

Seabra

E quer saber por quê? Confio mto na fé q. Cecilia — creança de 14 annos — deposita nas suas orações; e ella não cessa de dizer-me q. pede a Deus a falla p.º o seu amigo, e q. tem a certeza de q. hade ser ouvida a sua supplica.

João

Innocente coração!

Seabra

Depois insiste em q. o heide levar p.º Lisboa p.º lá o pôr a estudar.

João

Lágrimas! E dizem q. não ha anjos na terra!

Seabra

E o caso é q. eu tinha meus desejos de levar o rapaz, não só p.º lhe fazer a vontade a ella, mas também p.º satisfazer a uma voz intima, q. me diz q. Angelo havia de ser uma boa alma e um artista de merito. Mas como não pode

fallar...

João

Beijando-lhe as mãos, Oh! meu benfeitor!
os ceus lhe paguem! os ceus lhe paguem!

Scena 1.^a =
Os mesmos, Cecilia e Angelo

Cecilia

Prompto, papa! As nossas flores ficam
regadas. Pobresitas! Parecia q. até nos
perguntavam se já nos não lembrava-
mos d'ellas!

João

Tinham medo q. a sua rainha as esque-
cesse!

Cecilia

Agora, papa, sempre lhe quero mostrar
uma coisa; olhe. Da-lhe uma estatuetta toca

Seabra

Lembrança de Angelo, hein?

Cecilia

E não é tão bonita! Angelo conserva os olhos
no chão.

João

Ara adeus menina! Bonifrates q.º rapaz
arranja q.º anda lá' pelo monte.

Seabra

Examinando consigo. Não ha duvida. João.
Isto não vale nada, diz você. Não vale
nada hoje, mas pode valer m.º de futuro.
São os vislumbres d'um grande genio.
Peca a Deus a falla p.º seu filho e eu
me incumbo de o fazer um artista de
merito, um grande escultor.

João.

Consigno. Um artista de merito! um gran-
de escultor! Sh! q.º se Deus fizesse o mi-
lagre.

Cecilia

Ha de fazer, hade. Olhe, João, q.º ha
pouco eu e Angelo fomos regar as nos-
sas flôres, descemos ambos lá' em baixo
p.º as escadas do tanque grande...

Seabra

Muito severo. Não te tenho dito q.º não
quero q.º vás sosinha p.º esse lado?

Cecilia

Angelo ia comigo, papa'. Mas escute, João.
Chegamos, ajoelhamos-nos depois deante
da Nossa Senhora, q.^a está n'aquelle ni-
cho do muro por cima da bica e fize-
mos a nossa oração. Não é' vero? Angelo?

Angelo

Levante as mãos olha p.^a o ceu e depois affirma com
a cabeça.

João

Ah! santinha cá da terra!

Cecilia

Eu orava alto e Angelo repetia lá com
elle, por q.^a bem sabe q.^a não pode fallar.
Ah! mas eu bem via q.^a elle repetia!

Angelo

Levante as mãos e olha p.^a o ceu como dizendo q.^a ora.

João

Deixe-me beijar-lhe as mãos, rainha das
creanças! Caie-lhe aos pés. Eu não mereço
tanta felicid.^e, não! Mas deixe-me agra-
decer-lhe d'este modo... não sei... não
tenho outro...

Seabra

Commovido. A preguena é' inspirada! não

16
me digam q. não!

Cecilia

Então, João, levante-se d'ahi, ande. Não sabe q. só ajoelha a gente deante dos santos!

João

Chorando e continuando a beijar-lhe as mãos. E das santas também, m.^a menina, e das santas também!

Angelo

Ajoelha-se também beijando-lhe a outra mão.

Seabra

Commovidissimo. Então? basta... basta de agradecim^{tos}...

Cecilia

Erguendo. Angelo!

João

Levantando-se. Sh! Mr. Seabra! não ha perola como esta, não ha, não!

Seabra

Para os pequenos. Vão divertir-se, vão. Para João. E nós vamos vêr as obras q. o poço precisa por q. quero q. me arranje os pedreiros p.^a a semana.

João

As ordens de V. Ex.^a / Como respirando. / Ah!

Seabra

Os pequenos. / Não se facam traquinas, ouviram?

João.

A Angelo. / Vê lá como te portas, entendes?

Cecilia

Não descansados! / Os dois sahem.

= Cena 13. =
Cecilia e Angelo

Cecilia

Vamos sentar-nos. / Sentam-se. / Ainda te não disse q.^l e' p.^a ti este raminho das nossas flôres; has-de guardal-o bem sim?

Angelo

Poma o ramo e beija-o indicando q.^l sim.

Cecilia.

Não o dês a ninguém; se o dês não sou mais tua amiga, nem peço ao papa p.^a te levar consigo p.^a Lisboa q.^d nós formos.

Angelo

Indica q.^l não dará o ramo e pergunta por gestos

se vai com ella.

Cecilia

Se te levamos connosco? Levamos, sim,
mas e' preciso q.^a apprendas a fallar.

Angelo

Aponta p.^o o ceu.

Cecilia

Deus ha de ensinar-te, verás. Depois have-
mos de estudar juntos as nossas lições
de francez, d'inglez e de piano. Tens m.^{ta}
vontade de aprender, não tens?

Angelo

Indica q.^a sim.

Cecilia

E depois em crescendo q.^a queres tu sêr? me-
dico, doutor ou militar?

Angelo

Encolhe os hombros.

Cecilia

Has de sêr o q.^a o papa quizer, não e' vero?

Angelo

Indica q.^a sim.

Cecilia

Ora bem. Vamos agora às mariposas, as

flôres do ar.

Angelo

Indica g. sim.

Cecilia

Tens um lenço?

Angelo

Pira um lenço de côr e mostra-o.

Cecilia

Serve, serve; vamos lá! / Vão subindo p.^o F.
como g.^o procurando alguma coisa no ar e nos
arbustos. Angelo leva o lenço na direita e o
ramo na esquerda. / Vê se descobre, Ange-
lo; não vejo nenhuma.

Angelo

De repente solta uns sons ininteligíveis e aponta
p.^o ar.

Cecilia

E' verd.^e, e' verd.^e! São duas e brancas.
Correndo. / Vê se apanhas uma g. eu vou
a' outra. / Correm ambas agitando o lenço
no ar como tentando ferir com elle borbo-
letas, g.^o andassem voando.

Scena 14.

Seabra

Então, não se esqueça. Arranje-me os homens p.^a segunda-feira e mande-me vir a pedra necessaria. Tensio no ir-me embora no fim do mez e quero deixar tudo prompto.

João

Esteja V.^{exa} descansado; na segunda-feira cá'estarão.

Seabra

Examinando. Onde estarão as pequenas?

João

Eu vou vêr se os vejo. Ah! lá andam, lá andam brincando.

Cecilia

Entra correndo e agitando o lenço no ar. Ah! g.^o guaize lhe ia tocando agora!

Seabra

Alha! g.^o te cancas, Cecilia!

Cecilia

Como g.^o perseguido uma borboleta vem desenhando p.^a a scena. Andá, Angelo, havemos de

apantchar-as. Ah!... / Angelo q.^a tem seguido
agita o lenço tambem.

Seabra

Olha q. não quero q. andes a fatigar-te,
Cecilia!

João

Folgedos da innocencia!

Cecilia

Deixe! Deixe q. ellas já estão quaze can-
cadas. / Vae subindo p.^o o F. / hei-de apantchar-
te, doidinha! hei-de apantchar-te!

João

/ Angelo / Não andes a fazer correr a menina,
Angelo.

Cecilia

/ Vae subindo o pontão. / Ah! q. lá se escapou!
Tem subido ao pontão, agita o lenço no ar, en-
costa-se a guarda do pontão mas está com o
esforço abate-se e Cecilia cae, gritando:—
Ah! Angelo q. vae tambem dirigindo-se ao
F. estaca, solta um grito, occulta o ramo
de flôres no seio, faz um esforço supremo e
exclama: Ceci... lia! Salva Cecilia

Angelo

19

Ceci... lia! Salvem Cecilia! / Corre com desespero
e atira-se abaixo da ponte. Seabra e
João voltam-se de subito e ainda vêem
a queda de Angelo. /

Seabra e João
Grito d'angustia. / Ah!

Seabra
Correndo ao F. / Vamos salvá-os!

João
Caindo de joelhos. / Fallou! fallou! Bem-
dito sejas meu Deus! / Levanta-se e corre
ao F. /

Fim do Prologo



Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

20

Personagens do 1.º acto

João Seabra de Carvalho

Cecilia, sua filha

Angelo Paes

Manoel Borges, capitalista

D. Luiza

Creados

— Seis annos depois do prologo —

= Acto 1.º =

Gabinete de um escultor. Elegancia e escolha na disposicao de estatuas pequenas e grandes, completas e incompletas. Portas aos lados, janella a' L., ao F. uma porta ao centro e duas janellas, uma de cada lado, deitando p.ª uma varanda envidracada, onde estao varias estatuas e grupos. Mobilia simples, mas elegante; uma pequena estante com livros, alguns quadros a crayon

= Scena 1.ª =

D. Luiza

D. Luiza

Limpendo, arrumando os moveis etc etc. É um
excellente coração aquelle Angelo. Não havia
outro mais digno dos beneficios, q.^o lhe faz o
Sr. Seabra. Tambem o pobre moco não se pou-
pa p.^o lhe dar satisfação; estuda, trabalha e
pensa tanto! Quantas vezes o sol da madi-
gada não vem encontrá-lo ainda de pé! É
de mais. Aquillo deve fazer-lhe mal; e então
a elle q.^o já não anda m.^{to} bom de saúde!
É sempre tão triste, tão melancolico! Até
poucas palavras se lhe ouvem agora, depois
q.^o anda ahí entretido a fazer não sei q.^o o-
bra, mas q.^o deve ser coisa de m.^{ta} estimacão,
pelas recommendações, q.^o não cessa de fazer-
me:— Não me toquem naquelle trabalho,
diz elle; não o mostrem a ninguém, a nin-
guem, seja q.^m fôr. É um grande talento;
todos o confessam. E q.^m o diria, q.^o ha seis
annos o Sr. Seabra o trouxe lá da provin-
cia. Parecia q.^o nem sabia fallar. Era m.^{mo}
um simplorio. Mas hoje... sae insensivelm.^{te}
pelo F.

= Scena 4. =
 Angelo e D. Luiza

Angelo

Veste com elegancia, mas com simplicid.^e; traz um rolo de papeis, q.^a colloca sobre a mēza, tira o chapéu e senta-se no sofa. Como descansando, Ah! careço de descanso. Estou fatigado, fatigado do corpo e do espirito. Ambos trabalham, e não sei qual d'elles mais! Embora! E' por elle e e'... Olhando p.^a todos os lados, por ella, por Cecilia! Barulho ao F., na varanda; Angelo de repente, Alli ha gente! Corre de subito, Quem anda ali?

D. Luiza

Entrando atrapalhada, Sou eu, Snr. Angelo, sou eu. Si! meu Deus!

Angelo

O q.^o foi? o q.^o tem? deu-lhe alguma dôr?

D. Luiza

Como acima, Si! não Snr.! Olhe; andava a limpar o pó dos moveis, e não sei como, dei com o cotovello....

Angelo

Magoou-se?

D. Luiza

Si! nada, nada! Dei com o cotovello um en-
contrao na estatua da mesa do canto e...
e cahiu.

Angelo

Ah! q. lá se vai o meu thesouro! / sac correndo
pelo F.

= Scena 3.ª =

D. Luiza

D. Luiza

Si! q. susto, meu Deus! Sg.ente em chegando
a certa idade e' o q. se vê! Nossa Senhora
me accuda! O q. vale e' q. não era a sua
obra de estimação, aquella, q. me recommen-
da sempre... senão... Mas ainda assim fi-
guei sem gôlta de sangue! Si santo Deus!

= Scena 4.ª =

D. Luiza e Angelo

Angelo

Entra sorrindo. Não se assuste, q. já está no seu

logar.

D. Luiza

E não se partiu nada?

Angelo

Nem um dedão sequer; cahiu bem.

D. Luiza

Gracias a Deus q. já estou mais socegada!
Mas olhe q. nunca tive um susto assim!

Angelo

Horrindo, Era a esperança... e a m.^a esperança
não podia partir-se.

D. Luiza

E' verd.^e; mas assim como foi aquella, se
fôsse a outra...

Angelo

Com gravid.^e, Nem pensar n'isso e' bom. Destru-
am-me tudo, mas deixem-me intacto aquel-
le trabalho. Não lhe toque, nem consinta
q. ninguém lhe toque ou o veja. Deixe q.
o pó lhe caia; não tem duvida; não lhe
faz mal. Eu o limparei.

D. Luiza

Bom cuidado tenho eu, mas as vezes parece
q. ainda e' peor... Valha-me Deus; parece

g. ainda não estou em mim. Deixe-me ir,
deixe-me ir. [sae.]

Angelo

Socegue, socegue, santinha!

= Cena 5 =

Angelo [so.]

Angelo

Despe o casaco, enverga uma blusa, g. está sobre
uma cadeira, senta-se. [Julguei g. havia sido o
o meu trabalho de tantos dias, o filho das
m.^{as} vigílias! Era p.^a um extremo desespero
a aniquilação d'aquella obra, g. aperfeiçoão
com tanto esmero; a g. me tenho dedicado
d'alma e coração; em g. tenho consumido to-
dos os esforços e empenhado todos os meus
recursos! É o meu poema — embora humil-
de — mas é o meu poema! Tenho gravado
a cingel em um pedaco de marmore a
suavissima luz da inspiração, g. me vem
dos olhos, da bondade e da candura de
Cecilia! [Com receio.] Ah! g. se alguém me
ouvisse! [Resoluto.] E g. ouvissem! Deus não

concedeu ao homem uma alma p.^a sentir, e um coração p.^a amar? A brisa não leva consigo os perfumes das flores a toda a parte? O sol não é p.^a todos? Como alquebrado. E, é; mas o mundo e a socied.^e! Que vale a gloria do artista, o genio d'um homem, e um coração transbordando d'affectos em face das chamadas conveniencias sociaes? Espirais de fumo, q.^o o vento leva! Aquelle, q.^o hoje me estende a sua mão, pegada de sincera generosid.^e; q.^o ha seis annos tem sido p.^a mim mais do q.^o um pai; aquelle, q.^o se não tem subtraído a sacrificios p.^a me tornar um artista digno e um homem honrado, esse, seria o primeiro a repellir-me, chamando-me infame, no mom.^{to} em q.^o ~~se~~ soasse a seus ouvidos uma só das vozes da lyra intima do meu coração! Estima-me m.^{to}, mas tem em m.^{ta} conta a distancia, q.^o nos separa. E terá razão.... Eu é q.^o não posso ser superior a mim m.^{mo}! Sino Cecilia; hei-de amal-a até q.^o de todo se me apague a luz da vida, e hei-de viver em q.^{to} tiver o seu amor. Pausa Esquecia-me o trabalho. Vamos q.^o já é tempo.

Levantase toma o rôlo de papéis e dirige-se p.^o o F.

— Scena 6.^a —
Angelo e D. Luiza.

D. Luiza
Sr. Angelo. Sr. Angelo.

Angelo
Quer alguma coisa, D. Luiza?

D. Luiza
Acaba de aprear-se d'um trem a porta da rua
a um Sr. g.^o deseja fallar-lhe; mando en-
trar?

Angelo
De trem? Quem sera?

D. Luiza
Não sei, mas parece pessoa fina.

Angelo
Seja g.^m fôr; mande entrar.

D. Luiza
Para aqui ou p.^o a sala?

Angelo
Para aqui; creio q.^d não haverá duvida. Pega
em um pano e corre rapido a varanda do F.

D. Luiza
Deixe-me lá ir então - Paes -

= Cena 7.ª =
Angelo e Manoel Borges

Angelo
Voltando - Esta occulta!

D. Luiza
Fóra - Para ahí, meu Snr., para ahí.

Manoel
Para fóra - Obrigado - S. Angelo - E' ao Snr. Angelo
Paes a 9.^m tenho a honra de fallar?

Angelo
Eu m.^{mo}, Snr.

Manoel
Não sei se por acaso o venho interromper...

Angelo
Em coisa nenhuma, Snr.

Manoel
Mas nem os meus negocios me permittiam
vir em outra occasião, nem m.^{mo} eu conhe-
cia a hora em q.^l menos o poderia pertur-
bar.

Angelo

As visitas das pessoas como V. Ex.^a são-me sempre,
não só agradáveis, mas também honrosas. Indicando o Sopha. Quer ter a bond.^e de sentar-se.

Manoel

Sentando-se. Obrigado. Ignora por certo o motivo
q.^o aqui me traz.

Angelo

Sem duvida, mas V. Ex.^a o dirá.

Manoel

Analisava hontem no Chiado umas estatuas
de porcelana p.^a ornam.^{to} de salas de visi-
tas, q.^{do} um amigo meu d'Academia me
indicou o seu nome como o de um escultor
distincto, e o seu gabinete como um muzeu
de bellissimas estatuas. Examinando. Vejo q. não
fui enganado.

Angelo

Bond.^e da parte de V. Ex.^a e do seu amigo,
q., sem duvida, ao indicar o meu nome
se esqueceu de confessar q. eu era um
simples aprendiz da arte.

Manoel

E'm.^{to} p.^a apreciar-se o talento de um artista,

mas m.^{to} mais ainda q.^{do} a elle se allia uma modestia como a do Sr.^o Angelo.

Angelo

modestia! diz V.^o. Antes o fôsse. Essas obras, q.^{do} V.^o pode analysar completas e incompletas, mas todas imperfeitas, revelam bem a mão ~~de~~ ^{que} as talhou. São uns simples esbocos... são as m.^{as} lições. Estudo ha seis annos, confesso, e não tenho descansado; mas V.^o sabe bem q.^{do} seis annos é nada p.^a uma arte, q.^{do} como esta, não admite se não um extremo — a perfeição.

Manoel

O q.^{do} eu sei é q.^{do} estou exactamte vendo o contrario. Sem de q.^{do} o genio de um artista, como o Sr.^o Angelo, substitue perfeitamte o q.^{do} lhe faltar em estudo e tempo. Confesso q.^{do} nada entendo d'isto, mas ia jurar em como está perfeita esta estatua. Analysa uma estatua.

Angelo.

Agrada a V.^o?

Manoel

Muitissimo; não só pelo delicado dos contornos,

mas ainda pela expressão do todo. Symbolysa.
Angeles

A Fe.

Manoel

'Ideia feliz! brilhante phantasia,' não ha
duvida. Deve por tanto ter mais duas ir-
mãs...

Angeles

A Esperança e a Caridade. Uma está alli;
Mostrando uma estatua, a outra vou tambem
mostrar-l'a a V. Ex.^a. / Sae p.^a o F. /

Manoel

Analyzando as estatuas, 'é admiravel!' E dizem
q.^o em Portugal não ha homens de genio,
q.^o as bellas-artes estão agonisantes.'

Angeles

Entrando com uma estatua q.^o colloca sobre a mēsa,
A Esperança, Sr.^a.

Manoel

Oh! surprehendente! surprehendente! 'E é o
Sr. Angeles o creador d'estes modelos subli-
mes, o homem q.^o se subtrahê a' devida glo-
ria, vivendo, por assim dizer, quazê occulto
entre as paredes d'esta sala?'

Angelo

Já confessei a V^{ra} q^o ainda estudo. Satisfação
deste modo a m^a consciencia e aos desejos d'u-
ma alma nobre, q^o me protege, q^o me levan-
tou do nada, livrando-me de ser um des-
gracado, como tantos q^o por ali se arras-
tam, mas cujo nome a sua modestia me
não permite pronunciar-o.

Manoel

Muito bem. Agradam-me as tres virtudes e
não sahirei d'aqui sem q^o sejam m^{as}. Pode-
rei saber por q^{to} devo pagal-as?

Angelo

V^{ra} lhe fará o preço.

Manoel

Ainda mais essa! Nada; o artista avalia
a sua obra.

Angelo

Mas V^{ra} não ignora q^o presentem^{te} não
trabalho p.^a negocio.

Manoel

Embora! Exija q^o será satisfeito.

Angelo

São de V^{ra} as estatuas com uma condição.

Manoel

Vejamos.

Angelo

Com a condição de pagar-m'as pelo g.^o V.^o quizer.

Manoel

Não me satisfaz, mas aceito. Dá-me papel e tinta?

Angelo

Conduzindo-o à m'za. Aqui Sr.

Manoel

Senta-se escrevendo. É uma ordem p.^a mandar receber ao meu escriptorio, rua dos Capellistas 112-2.^o andar. Aqui está. Levanta-se e dá-lhe a ordem.

Angelo

Guardando-a. Agradecido a V.^o.

Manoel

As estatuas poderá entregal-as a' pessoa g.^o de meu manda~~da~~ vier buscá-las hoje ou amanhã.

Angelo

As ordens de V.^o.

Manoel

Adeus, Sr. Angelo. Não seja tão modesto,

23
e trabalhe sempre q.^o lhe prophetiso um futu-
ro brilhante e glorioso.

Angelo

Bons desejos da parte de V.^o.

Manoel

Sem duvida. / Salvando. / Adeus.

Angelo

/ descomplicando-o. / Um creado de V.^o.

= scena 8.^a =
Angelo e D. Luiza

D. Luiza

/ Angelo entra depois senta-se pensativo — pausa depois
da qual entra D. Luiza. / Ora graças a Deus q.^o
já uma vez o encontro descansado.

Angelo

/ Como despertando. / Ah! é a S.^{ra} D. Luiza.

D. Luiza

Nunca entro aqui q.^o não veja ou a ler,
ou a desenhar, a escrever ou de cinzel na mão.

Angelo

Bem tenho eu descansado hoje. Pouco fiz ain-
da... quase nada...

D. Luiza

Colhe q.^l bem o precisa. Anda ha uns tempos
p.^o cá com cara de q.^m soffre tanto!

Angelo

Pelo contrario; parece-me q.^l nunca andei tao
bem. A parte, Deus sabe se fallo vero!

D. Luiza

Sinda bem.

Angelo

Mudando de conversa, Accabei agora m.^{mo} de
fazer um negocio.

D. Luiza

Entao?

Angelo

Vendi aquellas trez estatuas.

D. Luiza

Ja' se vê q.^l fôram bem pagas?

Angelo

Creio q.^l sim.

D. Luiza

Admirada, Entao vendeu-as e não sabe por
q.^{to}?

Angelo

E' vero. Deixei isso a generosid.^e do comprador.

D. Luiza

E não querem vêr! Ainda se fia em generosid^{es}!

Angelo.

E por q^l não? Ninguém tem mais razão do q^l eu p.^a ~~confiar~~ n'ellas. Não é a generosid^e d'uma alma nobre q^l eu devo a m.^a estada n'esta casa ha seis annos? Não é a generosid^e d'um coração extremamente piedoso, q^l eu devo a satisfacção de todos os meus desejos, de todas as m.^{as} commodid^{es}? Não é a generosid^e d'esse homem q^l eu devo ainda o q^l sou e m.^{mo} o q^l hei-de ser? Creio pois q^l não ha razão nenhuma p.^a duvidar...

D. Luiza

Ah! mas como o Snr. Seabra, q^l ^{tas} encontra o Snr. Angelo.

Angelo.

Poucos é verd^e. Mas q^m sabe? Talvez q^l o comprador das estatuas seja tambem um homem digno.

D. Luiza

Pode ser, mas...

Angelo.

Bem vê q^l não devemos nunca julgar

pelas apparencias. Quantas vêzes a expressão do rosto não é um veu, a encobrir o coração, e q.^{tas} a expressão dos labios não está em opposição com os sentimentos do individuo! Nada, não vale descrever, e menos ainda antes de certificar mos-nos. Tirando a nota do bolso. Tenho aqui a ordem p.^a o embolso do dinheiro e podemos vêr... Examina-a.

D. Luiza

Lancando com curiosid.^e os olhos ao papel. Então?

Angelo

Não lhe dizia eu? Foi generoso, foi. Pagou com 60 libras o trabalho de 50.

D. Luiza

Dou as mãos a palmatória. Já se vê q.^o com um negocio destes deve estar hoje m.^{to} satisfeito.

Angelo

Mudando de expressão. Parece q.^o assim devia ser, e assim foi, não ha ainda dez minutos; mas quer q.^o lhe confesse uma coisa? quaije q.^o já estou arrependido de me des-
fazer das m.^{as} obras.

D. Luiza

29
Ara essa!

Angelo

Que quer? Eram as tres virtudes. Fizeram-me companhia durante m^{tos} dias! Parecia q^d me sorriam nas m^{as} horas de trabalho! A Fé fallava-me ao coração; a Esperança apontava-me o futuro e a Caridade fazia-me recordar a mão generosa, q^d me protege e me encaminha.

D. Luiza

Ara não pense n'isso. E depois não pode o Sr. Angelo arranyar outras?

Angelo.

É ver^d q^d posso, mas já não ha^o de por certo sorrir-me, como me sorriam aquellas, q^d parece me olham agora com tristeza por havê-las vendido. Fui um ingrato!

D. Luiza

Sempre é bem supersticioso!

Angelo

Quem? eu? Não sou, não! Sou uma coisa q^d nem eu m^{mo} comprehendo...

D. Luiza

Mande p.^a longe esses pensam^{tos} tristes.

Acegue e descanse q.^l é o q.^l precisa, q.^l eu o
deixo em paz. / Vae p.^a retirar-se. / Sh. e já me
esquecia perguntar-lhe se quer alguma
coisa, q.^l era p.^a o q.^l eu tinha vindo.

Angelo

Obrigado, D. Luiza; não preciso nada.

D. Luiza

Ara então descanse. / Vae.

— *Scena 9.^a* —
Angelo só!

Angelo

Supresticioso?! eu?! Oh! não, não o sou!
Lucta, lucta de vida ou morte, entre
a esperanza e o receio, lucta q.^l medo,
mina e v'erga e' q.^l me colloca n'este
estado de duvida! Quem me diz se este
amôr ha-de perder-me ou ha-de salvar-
me? Supresticioso?! Não! Se olho ago-
ra com tristeza p.^a as m.^{as} obras, q.^l se
vão, e' por q.^l poude um mom^{to} esquecer,
q.^l as inspirou Cecilia, o arjo dos meus
dias, a vizaõ das m.^{as} noites, e q.^l tudo

30

g.^{to} me vem d'ella, ou tem relação com
ella, devia ser p.^a mim uma coisa sagra-
da! Oh! e eu com vislumbres d'esperança!
Louco! E por q.^{to} hei-de eu nutril-a? Por
q.^{to} não hei-de ter a coragem de esquecer
Cecilia? Por q.^{to} não hei-de, n'um esforço
supremo, poder esmagar o coração, e ani-
gular este sentim.^{to}, este fogo, este anhe-
lar constante? Se o mundo e a socied.^e
nos separaram p.^a q.^{to} hei-de eu tentar pas-
sar o abysmo? A queda é inevitavel!
Oh! como é injusta a socied.^e! Pois será
um crime este amor? Não parece q.^{to}
o d'êdo de Deus nos aponta o m.^{mo} hori-
zonte? Não foi ella q.^{to} me fez adqui-
rir a fallã, por q.^{to} eu era um homem
mudo, um homem quaije inutil? Não
foi ella o interprete da vontade de
Deus, q.^{to} insufflou no coração de seu nobre
pai a vontade de me proteger, de ser
meu pai tambem? Louco! Não vê q.^{to}
tudo isso é um sonho? Cecilia apparece
e fica escutando. / É o m.^{mo}! Terei a coragem
de occultar aos olhos de toda a gente

o meu amor; farei o sacrificio de convencê-la
de q. a não amo, de q. não deve amar-me
tambem. Será uma lucta desesperada, mas
morrerei com a sua imagem gravada
no coração!

= Scena 10.ª =
Angelo e Cecilia

Cecilia.

Não podendo conter-se, correndo p.º Angelo. Angelo!

Angelo

Cecilia!

Cecilia.

Ouvi as suas palavras! É bem mau An-
gelo! Por q. não confia em mim? Por q.
hade abafar e guardar silencioso esse affecto
d'onde me vem toda a luz, toda a esperan-
ça, toda a vida?

Angelo

Silencio! Cecilia! pode alguém ouvir-nos.
... pode vir alguém... e o mundo...

Cecilia

Qu'importa o mundo? Que tem o mundo

com as flôres de duas almas q. nasceram
uma p.^a a outra? Desanima Angelo?

Angelo

Não desanimo Cecilia! Lucto e lucto mto, mas
não sei se vencerei... Não sabe q. uma
voz se levantará p.^a me anathematizar — a
voz da socied.^e — q.^{do} echoar lá fora uma
so' das nollas do meu coração? Infame, di-
rao todos, infame, q. abusaste da candura
de um aryo, q. soubeste insinuar-te no seu
coração, não por amor, mas pela sordi-
da ambicção q. te domava, e não te lem-
braste q. eras a planta humilde e rasteira,
e q. esse aryo era a arvore bendita donde
dimanava a sombra q. te cobria dos raios
de fogo do sol da desgraça. Quem és tu?
E todos me perguntarão q. sou...

Cecilia

Pergulhosa. Um homem honrado! um artista
de coração!

Angelo

Um homem honrado! um artista de cora-
ção! Ninguém dirá isso; o mundo affirma-
rá q. sou o filho de um pobrissimo vendei-

ro, e g.^l Cecilia e' a herdeira de um abastado proprietario.

Cecilia.

E so' agora se lembra disso? Por q.^o não sentiu, por q.^o não fugia ou não me afastou de si, antes de nossas almas se allia-rem, antes de nossos corações se comparen-derem? Quer-me deixar?... quer-me esque- cer?... sobeja-lhe a coragem p.^o isso?... Pois faça-o... faça-o... hu'importa q.^o eu morra?... esqueça-me...

Angelo

Oh! como me turtura, Cecilia! Não me falle em morrer! falle-me em vida m.^{ta} vida q.^o toda ella sera' pouca! Esquecê-la? nunca! Mas o q.^o e' certo, e' q.^o nos primei-ros impetos de meu coração eu ponde- ganhar a sua sympathia, sem q.^o me viesse a ideia de q.^o o Sur. Seabra era seu pai e era meu benefactor tambem! Esqueci-me d'isto, attendi attendi somente a voz da paixão q.^o me abafava e não parei! — segui! Foi uma imprudencia, vejo-a em toda a grandeza, conheço-a

agora! Ha entre nós um abysmo...

Cecilia

Quer dizer...

Angelo

Que é fraca a base em q. poderão assen-
tar as m.^{as} esperanças...

Cecilia

Angustiosa. Fraca?! Então é fraco o meu a-
môr?! É fraca a m.^a paixão, não é verô?
Obrigada, Angelo, obrigada... Eu não lhe
merecia tanto... /Chora./

Angelo

Ah! por pied.^e Cecilia, não chore! Não
vê q.^d cada uma d'essas lagrymas é um
espinho q.^d me fere o coração? Compreendo,
sim toda a sublimic.^e do seu affecto, e sin-
to-me ao m.^{mo} tempo orgulhoso e indigno
d'elle. Mas p.^a q.^d havemos de alentar es-
peranças, dar vigor a crencas, e vulto a
phantasia, se depois de tudo isso o edifi-
cio hade desmoronar-se, o momento hade
desabar?

Cecilia.

Como é cruel, Angelo! E não soube pensar

assim q^{do} de joelhos a meus pés me pedia
uma centelha d'amôr? Quando viu q. eu
lhe entregava inteiro o coração e com el-
le todas as rosas da affeição q.^a já desabro-
chava? Quando viu q.^a ainda era tempo
de obstar a q.^a gravasse aqui / Mão no cora-
ção / a sua imagem, a q.^a não tivesse um
único pensam^{to} q.^a não fôsse seu, ou me
viesses de si?.. E não soube pensar assim
antes de escravizar-me? Lembra-se agora
d'isso, Angelo?

Angelo

Com desespero. Cecilia.

Cecilia

Numa commoção violenta. Sem razão! Esque-
ça-me... Que vale o amôr de uma mu-
lher q.^a não tinha outra ambição nem
outras aspirações q.^a não fôsem o amôr
d'aquelle, q.^a lhe havia apparecido como
vizaô benéfica nos seus sonhos d'innocen-
cia? Não vale nada, não é ver^d? Não
vale nada o amôr de uma mulher, q.^a
sabera' encher-se de coragem p.^a vencer
todas as obstaculos, q.^a se oppoñham á

sua felicidade; q.^o se resignará sem sacrificio ou a descer da escala social em q.^o o mundo a collocou so p.^o chegar ate junto do homem por q.^m suspira, ou a levantar ate si esse homem sem o qual não poderá viver? Não vale nada, não é vero? Esqueça-me... deixe-me então...

Angelo

Oh! eu endoueco! Não vê, Cecilia, q.^o me está fazendo soffrer n'este instante seculos e seculos de horriveis martyrios!?

Cecilia

E eu? Não soffrerei eu tambem ao vêr o desapego com q.^o hoje me falla do nosso amor, sob o futil pretexto de não sei q.^o difficuldades? E q.^m lhe affirma q.^o existem essas difficuldades?

Angelo

Oh! como é ingenua, Cecilia! Falla-me em desapego! Não, não, por q.^o ninguém a adora mais do q.^o eu! Pergunta-me q.^m me affirma a existencia das difficuldades, q.^o se interpoem a nossa ventura? Oh! como é ingenua, Cecilia! Diga-me: ante o amor e o dever, ante o coração e a consciencia, qual o caminho

a seguir?

Cecilia
Pergunta-m'o a mim?

Angelo
Como tomando uma resolução. E sabera' inspirar-se
de toda a coragem?...

Cecilia
Morrerei se não poder cumprir.

Angelo
E' um anjo, Cecilia.

Cecilia
Duvida? Passos fora.

Angelo
Com receio. Sinto passos!

Cecilia
Duvida? Duvida ainda? diga...

Angelo
Seu pai, Cecilia. Cecilia senta-se no sofa.

= Scena II. =
Os M^{mos}, Seabra e D. Luiza

Seabra
Entrando risinho. Entao já está feito o convite?

Angelo

Reprimindo a sua commoção, vai a Seabra e beija-lhe a mão, Meu bemfeitor!

Seabra

Adeus, Angelo.

Cecilia

Com fingida serenidade Ainda não, meu pai, esperava q.^o chegasse p.^o...

Seabra

Para te ajudar, heim? A missão é difícil lá, isso é verdade!

Cecilia

A Angelo, Sabe q.^o faço annos na sexta-feira... Seabra e D. Luiza conversão analysando as estatuas vendidas,

Angelo

Esse dia não me esquece, Cecilia!

Cecilia

E q.^o espero nos vá fazer companhia n'essa noite.

Angelo

Cecilia manda, não pede. A parte, Preciso trabalhar mto!

Seabra

A Angelo e examinando as estatuas, Então vendes-te hoje estas estatuas, Angelo?

Angelo
Vendi, sim, Sr.

Seabra
São bonitas realm^{te}.

D. Luiza
E bem pagas não ha duvida.

Cecilia
Sempre com apparente alegria. Esta entao agora
m^{to} rico, não é vero?

Angelo
Falso sorriso. Muittissimo. Sessenta libras! Algumas
p.^a a compra de livros e utensilios q.^o preciso; o
resto p.^a mandar a meu pai, por q.^o o pobre ve-
lho e meus irmãos não devem deixar de festejar
os annos da sua santa, como elle a chama.

D. Luiza
Seabra. Tem um coração tão nobre!

Seabra
Não ha duvida q.^o tem!

Cecilia
Seja q.^{to} tenho a agradecer-lhe!

Angelo
Pelo contrario; Olhando Seabra, o agradecido sou
eu. Se disponho do dinheiro d'este modo é por

q.º o meu protector nunca me pediu contas dos meus pequenos negocios, e mais ainda, nunca sequer consentir q.º eu lh'as prestasse. Bastam-me algumas p.º o q.º preciso, por q.º não hão-de ir as outras levar um punhado d'alegrias a' m.ª pobre gente.

Seabra

Fazes m.º bem, Angelo, e tanto mais sabendo perfeitamente q.º p.º as tuas urgencias cá' estou eu.

Angelo

Agradecido, Snr.

Seabra

Cecilia, Já' deste o teu recado?

Cecilia

Já', papa'.

Seabra

Então, vamos. S. Angelo, Olha q.º é' noute de familia, nada mais. Cecilia reúne algumas das suas amigas e eu os parceiros p.º o volterête.

D. Luiza

Sempre com pressa, sempre!

Cecilia

Veja se falta, Angelo!

Angelo

Trei Cecilia.

D. Luiza

Deixem-me ir adiante accender uma luz q.^{ta}
escada ja' deve estar escura. / sae.

Seabra

Adieu, Angelo.

Angelo

Beijando-lhe a mão. Meu protector. / Seabra sae, Cecilia
e Angelo segue-o ate' a porta, mas Cecilia volta e de
subito.

Instituto Politécnico de Lisboa

= Scena 1.^a =
Cecilia e Angelo

Escola Superior de Teatro e Cinema

Cecilia

Apaixonada. Tire-me d'esta incerteza...

Angelo

Com receio. Cecilia!

Cecilia

Diga-me agora se duvida ainda das m.^{as} pa-
lavras, ande, diga?

Angelo

Olhando p.^a fora como temendo. Quer perder-me Ce-
cilia?

Cecilia

Quer matar-me, Angelo? Diga-me se tem confiança em mim, ande, diga.

Angelo

Tenho; tanta como em Deus!

Cecilia

Sh! livrou-me d'um grande peso... paem.

= Cena 13.ª =

Angelo, D. Luiza e um Creado.

Angelo

Vem sentar-se. Como eu a adoro e como ella me ama! Flôr q. me envias os teus perfumes, tens aqui um sacrario p.ª guardal-as! Mão no coração.

D. Luiza

O' Sr. Angelo, está aqui um homem q. vem buscar as estatuas.

Angelo

As estatuas? Recordando-se. Sh! Frieste. Estão alli. Sponta.

D. Luiza

Para fora. Entre.

Creado

Com licença.

D. Luiza

[Ao Creado.] Olhe, pegue em duas, q.º eu levo a outra até ao cimo da escada, sempre é melhor. [Creado toma duas das estatuas e D. Luiza leva a outra.] Ora ande lá; cautella não caia.

Creado

Não tem duvida. [sae.]

D. Luiza

Lá vão, sur. Angelo. [sae.]

Scena ultima

Angelo

[Sem-se sentado absorto, como dominado por uma ideia, por um presam^{to} unico, fixo. Pausa; levanta-se de subito, corre p.º o logar onde estiveram as tres estatuas, volta-se depois p.º a porta, corre mas estaca em meio da scena.] Lá se vão! É tarde! já é tarde! Agora... [spontando p.º o F.] O meu thesouro! [Corre.]

Cae o Pano
Fim do 1.º acto.

Acto 2.

Personagens

João Seabra

Cecilia

Manoel Borges

Luiz Borges

23 annos

Angelo

Carlos D'Azavedo, medico.

45 "

Amelia Borges

17 "

D. Mathilde

40 "

Adelaide

18 "

Acto 2.

Casa de Seabra. Um salão mobilado com certo luxo; portas aos lados; no F. uma ao centro, g.^a da' sahida p.^a um terraco, tendo uma janella de cada lado com persianas verdes. Num lado um piano uma miza ao centro e sobre outras como ornam.^{to} devem estar as tres estatuas, g.^a figuram no acto anterior. E' noute.

Scena 1.
Cecilia só/

Cecilia

Entrando. Não sei, não posso adivinhar o motivo de tanta demora... Inquieta. São perto de oito horas e elle ainda sem ^{chegar} ~~partir~~? Se estivesse doente ter-m'o-hia mandado dizer. Pertendera' esquivar-se... Não sei, não sei. Dominam-me esta anciedade... Se elle soubesse como eu o amo! Esperemos mais um pouco... Vae dirigindo-se ao F.

Acto II

Cecilia, Teabra e Manoel Borges

Manoel

Entrando do F. seguido de Teabra encontra-se com Cecilia. Vê: não desearca esta noite.

Cecilia

Rorindo forcadamente. Está' gracejando, Sr. Borges. Como é' grande o banquete...

Manoel

Rorindo. Já se vê; pelo menos deve sê-lo, e nem eu espero outra coisa.

Cecilia

Pois engana-se, vê. Chá e chá m^{to} em familia.

Manoel

Sim, sim tudo q.^{to} V.^{ra} quizer. Mas vá' q.^l as
suas amigas a esperam no terraço e gose da
noute, q.^l está formosissima.

Seabra

E' vero'; luar de Maio.

Cecilia

/A Manoel com intencão e sorrindo./ Depois de um
dia como o de hoje, era de esperar uma nou-
te tão esplendida.

Manoel

De certo; até os astros a felicitam.

Cecilia

Lisongeiro. /Sae pelo F./

= Scena 3. =
Seabra e Manoel Borges

Seabra

/Sentando-se./ O Manoel olha q.^l já me vou sen-
tindo pesado.

Manoel

Não q.^l os annos vão entrando comnosco, meu
amigo. /Sentando-se./ Cincoenta e seis já eu fiz,

e tu não has-de andar m^{to} longe.

Seabra

Cincoenta e trez.

Manoel

Ha-de ser isso, ha-de ser isso. Ha trinta pouco mais ou menos te conheço eu. E de mais, olha q^a tua Cecilia fez hoje vinte, e o meu Luiz, q^o e' o mais velho já caminha p.^a os 23.

Seabra

E' vero^o, Manoel. E parece q^a ainda não ha m^{to} q^o travamos relações! Como o tempo v^oa!

Manoel

Não ha remedio senão irmos pensando em arrumar os filhos.

Seabra

Em os casar?

Manoel

Já se vê. D'um dia p.^a o outro pode vir a morte, mas ao menos q^o ella vier e nos levar q^a a gente possa ir descansado.

Seabra

Nisso tenho eu pensad^{to}em^{to}, m^{to}.

Manoel

Tambem eu. E q^m e' q^a tendo filhos, não pensa

na sua felicidade? Se q.^{do} temos uma esposa
com q.^m repartimos os affectos lhes gueremos,
a elles, como ás meninas dos nossos olhos, q.^{do}
se é viuvo como nós, parece q.^l ainda se estre-
mecem mais.

Seabra

E' realm.^{te} assim, e'.

Manoel

E nas tuas cogitações já tens pensado em al-
guem... já tens lançado as tuas vistas...

Seabra

Mentia se te dissesse q.^l não. E tu?

Manoel

Do m.^{mo} modo. Não com relação a' m.^a Amelia,
por q.^l essa é nova de mais ainda - 17 annos -
mas a respeito do meu Luiz...

Seabra

E então?

Manoel

Parece-me q.^l o rapaz havia de ir bellissimam.^{te}
Nova, gentil, prendada, intelligente, educação
esmeradissima, e sobretudo um coração q.^l va-
le bem mais q.^l tudo isto.

Seabra

Conhecê-la bem!

Manoel

Ah! se conheço!

Seabra

E a respeito de dote?

Manoel

Excede as m.^{as} ambições.

Seabra

Nesse caso por q.^o não lancas mãos a obra?

Manoel

La' iremos, la' iremos. E tu conheces o pensamento?

Seabra

Perfeitam^{te}. Novo, elegante, trabalhador, inteligente, educação aprimorada e uma alma q.^o nada deixa a desejar

Manoel

Alhando de revz. / E de fortuna?

Seabra

Excede as m.^{as} ambições.

Manoel

Levantando-se como zangado. / Repetes o q.^o eu disse!

Estas zombando, Seabra!

Seabra

40

Não, Manoel; faz-me mais justiça, não. Logo
ra vou fallar-te sem rodeios, por q. sei q.
és meu amigo ha mais de trinta annos.
Alha aquelle em q.^m tenho fixado os meus
olhares, q.^{do} penso em casar Cecilia e'... e' teu
filho, Manoel.

Manoel

Ora essa! Notavel coincidencia! Pois eu-sejamos
francos - cogitando m.^{tas} vêzes afim de desco-
brir uma noiva digna do meu Luiz, não te-
nho achado outra ~~mas~~ ^{melhor} digna q.^a a tua Ceci-
lia.

Seabra

Então desejas?...

Manoel

Se desejo!

Seabra

tambem eu.

Manoel

Nesse caso, por q. não hade realisar-se a uniao
de nossos filhos se nossas almas ha tantos
annos vivem unidas?

Seabra

Seja cumanha já se tem de ser depois. Porém...

Manoel

Porem o que?

Seabra

Teu filho estara' d'accordo?

Manoel

Fico por elle. Cecilia e' q. talvez.

Seabra

Não tem q. hesitar, não tem q. hesitar.

Manoel

Consulta-a.

Seabra

Consultarei, mas falla tambem a teu filho.

Manoel

Pois sim. Fica tratado.

Seabra

Entre amigos velhos.

— Scena 4. —

As M^{mas} Cecilia, Mathilde, Amelia,
q. entram todas pelo F. e depois o Doutor e
Suz.

Manoel.

Vendo q. entram, ja'?

Amelia

Dirigindo-se a Seabra, Estamos ha mais de meia hora pedindo a' Cecilia q.^{ta} nos recite alguma coisa ao piano e não ha resolvê-la. Talvez q.^{ta} o Sr. Seabra pedindo...

Seabra

Então eu é' q.^{ta}...

Adelaide

o Sr. Borges e interrompendo Seabra, Entreceda por nós, Sr. Borges.

Manoel

De m.^{to} boa vontade m.^{to} Sr.^{to}, mas não sei se o meu pedido podera' ter algum valimento.

Matilde

Bem vê, Cecilia, q.^{ta} sômos todas a pedir-lhe.

Manoel

Offerecendo o braço a Cecilia, Aqui está o meu braço p.^{to} a conduzir ao piano se é' q.^{ta} não quer ir sem essa formalid.^{de}.

Cecilia

Obrigada, Sr. Borges; mas p.^{to} q.^{ta} me pedem uma coisa q.^{ta} eu não sei?

Seabra

Anda lá, Cecilia, recita alguma coisa.

Adelaide

Nem pedindo teu pai?

Cecilia

Recitarei, mas com uma condição.

Manoel

Quantas Sr.^{as} queira.

Cecilia

Quede vir p.^o o piano uma das m.^{as} amigas.

Mathilde

A D. Smelia.

Smelia

Com todo o prazer; mas ohem q.^o acompa-
nham.^{to} vae transtornar tudo, digo-lho eu.

Seabra

Que modestia, D. Smelia!

Manoel

Vamos a isso, vamos a isso. Sentem-se as Srs.^{as}
e nada de interrupções. / Smelia senta-se ao piano,
Cecilia de pé ao lado d'esta voltada ao espectador.

Smelia

Mas... falta-me uma coisa.

Cecilia

Amusica, não é isso?

Smelia

Sim.

Cecilia

Tomando uma de cima do piano. / Está aqui; toma.
/ Dá-lha. /

Manoel

Estamos anciosos.

Smelia

Correndo as mãos pelo piano em uns accordes suaves.
Nue pressa papa! Lá vai! / Toca primeiro uma
das partes da musica q. hão-de servir p.^a a recita-
ção, depois, Cecilia triste e por vêzes agitada,
recita ao som d'uma musica suavissima terna e melan-
cholica as seguintes quadras. /

Cecilia

Qual Dante, amar-se com fervôr um dia,
Ter a alegria de um amor tambem...
Se é sonho ou creença, realidade ou esp'rança,
Furia ou bonança, quem o diz? - Ninguém!

Desponta o lyrio; junto delle a rosa
Fresca, rícosa, perfumada, bella...
E amam-se as flôres n'um sorrir d'instante
A luz brilhante d'uma ignota estrella.

—
Quem diz se as flores gosarão ventura,
Quem lhe assegura q' é propicia a sorte?
Se o sol dá vida, e dá o orvalho alento
Trado o vento pode dar-lhes morte.

Seabra

Daíto. / E' triste mas e' lindo! / Luiz e o doutor entram
mas ficam á porta em pé ouvindo silenciosos. /

Cecilia

Continuando. / Coração em chamma crepitando aneia...
A alma receia... com amor também...
Quem diz se o lyrio pode unir-se á rosa?
Fresca, viçosa, quem o diz? — Ninguém!

Escola Superior de Teatro e Cinema
—
Exista a crença predomine o sonho,
Bello ou medonho — o vendaval ou paz —
D'um lado a vida, para outro a morte,
Quem diz a sorte que o futuro traz?

—
Quem diz se o sonho é real, completo,
Se amor o affecto pagará também?
Se um dia a rosa se hade unir ao lyrio?
Goso ou martyrio quem o diz? — Ninguém!
Seabra de recitar e volla-se de modo q' occulta o rosto aos ouvintes.

Manoel

Bravo! Bravissimo!

Seabra

O acompanhant.^{to} faz m.^{to}... faz m.^{to}...

Smelia

Obrigada, Mr. Seabra.

Adelaide

[Inda Cecilia.] Da-me um beijo, Cecilia, nunca te ouvi recitar tão bem!

Luiz

Resta-me a consolação de q.^a ainda entrei a tempo de poder gozar.

Doutor.

Na realid.^e V.^{ra} recita maravilhosam.^{te}! [Cecilia agradece.]

Adelaide

[Admirada.] Mas q.^a tens, Cecilia? tu choras...

Cecilia

[Repremiendo a commoção.] Ainda mais essa! Chorar? eu?...

Doutor.

[Luiz.] Conheço bem aquella organização. A musica sensibilizou-a.

Adelaide

Tu sim; então não vejo ahí duas lagrymas co-
mo duas perolas?

D. Mathilde
Veja não tenha alguma coisa?

Seabra

Receio. / Estas encommoada? Todos mostram interesse.

Cecilia

Reprimindo-se ainda. / Não é nada. Acreditem q. não
tenho o menor encommodo. Soceguem. Se o
tivesse...

Doutor

Cá estou eu se sou preciso.

Cecilia

Não é nada, não é nada.

Amelia

Antes assim.

Manoel

Realmt^{te}; D. Cecilia, aquella poesia está cheia
de sentimentalismo e a musica corresponde-lhe
d'um modo admiravel.' / Conversam todos.

Doutor

Exacto. Parece q. a m^{ma} inspiração presidiu a
uma e a outra. Exhalam ambas os m^{mos} per-
fumes.

Amelia

Nunca me fallaste n'aquelles versos?

Cecilia

Não me tem lembrado.

Luiz

Quem foi o poeta?

Soeláide

E o compositor?

Cecilia

A poesia é do Sr. Angelo, o pupillo de meu pai.

Manoel

Admirado, ja se abra. O escultor. Com effeito!

Cecilia

Enleada. A musica... Começa a ouvir-se ao longe,
ao som d'uma ballada, monótona, mas suave e tris-
te, como as dos Barqueiros do Norte, ou ao som d'uma
d'essas canções populares do nosso Portugal, tão mi-
mosas e tão cheias de poesia, uma voz cantando as
coplas seguintes: 1

= As routes de maio =

As routes de maio de luz, deslumbrantes
 São routes d'amantes, são routes d'amar...
 Tem rosas, tem lyrios, que bordam, que esmaltam

O manto do Tejo — nas ondas do mar.

O manto do Tejo
Nas ondas do mar.

Em noites de maio, serenas e bellas
À luz das estrellas, à luz do luar...
São bellas os sonhos d'amor, emballados
No berço do Tejo — nas ondas do mar....

No berço do Tejo
Nas ondas do mar...

Em noites de maio, que a lua brangueia,
Se um alma, que ancia, divaga a cantar...
Os echos ao longe respondem, voando
C'ò as auras do Tejo — c'ò as ondas do mar...

C'ò as auras do Tejo
C'ò as ondas do mar...

Em noites de maio, que a brisa embalsama
Se anhela quem ama, n'ausencia a scismar...
Um raio da lua desenha uma imagem...
Nas agoas do Tejo, nas ondas do mar...

Nas agoas do Tejo
Nas ondas do mar...

Que as noites de maio serenas e bellas
 A luz das estrellas, a' luz do luar...
 Asmente embriagam - perfumam a terra
 Dão brisas ao Tejo - dão beijos ao mar...
 Dão brisas ao Tejo
 Dão beijos ao mar...

O canto vai-se tornando cada vez mais distincto, mais proximo.

Luiz

A musica, sim?

E' verda.

Adelaide

Mathilde

De q^m e'?

Cecilia

Muito enleada. Essa... e' m.^a.

Doutor

A parte. Compreendo! Duas almas sensiveis! uma
 canta outra repercute! Alto. A mim não me sur-
 prehende, D. Cecilia. O compositor já eu o havia
 adivinhado. A suavidade da musica está em
 harmonia com a candura da professora. Adelai-
de, Mathilde /

Amelia

1.ª Cecilia. Interpretaste d'um modo admiravel o
sentim^{to} do poeta.

Manoel

1.ª Seabra. Não te dizia eu ha pouco q.ª era nova,
gentil, prendada, intelligente...

Seabra

A Deus o agradeço.

Manoel

1.ª Cecilia. Então, D. Cecilia, assim nos gueria pri-
var, não só do prazer de não a ouvirmos re-
citar, mas tambem e sobretudo de apreciar-
mos a sua ~~mimada~~ composição?

Cecilia

Não gracieje, Sr. Borges, 1.ª musica da serenata vai
se tornando mais distincta.

Seabra

1.ª parte. Coitadita! como ella cõra com estas coisas!

Cecilia

1.ª Borges. Sabe q.ª mais venha d'ahi, venham to-
dos, vamos ouvir a serenata q.ª vai passando.

Luis

E a noute convida.

Doutor

Vamos lá; noute de luar, musica e perfumes,

nao é p.^o perder-se. / Vão sahindo.

Cecilia

Vão vem, Sur. Borges?

Amelia

Então, Sur. Seabra?

Seabra

Vão indo, vão andando q.^o nós lá iremos.

— Scena 5. —

Seabra e Manoel

A serenata é perfeitamente distincta; Seabra conserva-se
sentado ~~assimando~~.

Manoel

De pé! Anda d'ahi. Parece q.^o scismas?

Seabra

Saudes, Manoel.

Manoel

Em q.^o pressas, homem?

Seabra

No passado. As recordações suavisam. Aquella
voz e aquella musica trazem-me a memoria
as meus vinte annos, os meus sonhos de rapaz.

Manoel

A nossa mocid.^e... e' verd.^e.

Seabra

Triste / E contudo... já está no céu!

Manoel

Idem. / Diz antes: já estão no céu. / Pausa.

Seabra

Vamos. / Sahem.

= scena 5. =

Angelo 1^o /

Angelo

A serenata vai-se tornando cada vez menos distincta desde o principio d'esta scena até ao fim da scena seguinte. Angelo chega á porta espreitando receioso. / Oh! ninguém felizinte! / Para fora. / Da cá. / Toma das mãos de um creado um volume coberto com um pano. / Agora podes ir-te. / Collocando o volume sobre a miza do centro. / Aqui. / Olha ancioso p.^o todos os lados, corre depois de miza em miza dando novas posições ás luzes q.^{as} illuminam o salão. / Assim... Mais... Está p.^o alli... / Olhando p.^o o volume e continuando a compôr as luzes. / Mais ainda... está p.^o aqui... Bem. O effecto

47

agora deve ser melhor. Vejamos. Descobre o volume,
q.^o representa um anjo de grandeza media, indicando
com uma das mãos o céu, e com a outra estendida
apontando ao longe tendo um ente ajoelhado aos pés.
Magnifico. O meu thesouro! Tudo o q.^o a m.^a in-
telligencia, as m.^{as} forças e o meu estudo podem,
resume-se alli! Triumphos e gloria só d'ella me
virão, só a ella os deverei! Cecilia! está alli
o poema, q.^o me inspiraste, o hymno q.^o me echoa
dentro d'alma! E' teu, e' p.^o ti! E' p.^o ti....
Solte-se receioso como procurando vêr se alguém o ou-
ve mas estaca dando com os olhos em uma das esta-
tuas. Sh! / Corre a analysar, e' a m.^{ma}! / Tudo a
outra meza. / A Fé a fé cá está! / Tudo a outra.
A Esperança, a esperança, não tem duvida!
A fé a esperança e a caridade! As tres virtu-
des! as virtudes q.^o me sorriam! Oh! as m.^{as}
obras! os meus filhos! Encontro-vos de novo
e aonde mais careco de vós! Ainda bem!
Bello! bello! Alli as flôres / Sponta às estatuas /
agui a essencia! Alli os cantos, agui o po-
ema! Alli as vozes, agui a harmonia! / Dom-
nado por uma ideia subita / Sh! mas como se
acham n'esta casa as estatuas, cuja venda

me tem amargurado tanto? / Spalmando-se. / So-
nho ou estou accordado? Não haverá aqui
um enigma, um mysterio? Não sei, não sei!
sinto q. se me comprange a alma com tudo
isto, q. tudo isto me torna quazi superstici-
oso! sinto, não sei o quê? Fatali^d ou ven-
tura? Realid^d ou phantasia? Ah! Louco q.
ainda alimentas uma esperanza, não teres
q. a luz se apague! Esmaga... esmaga o co-
ração e esmaga a consciencia... / Olhando de novo
p.^a as estatuas. / Mas...

= scena 7^a =
Angeles e Cecilia.

Cecilia

Contrando. / Ah! até q. chegou, Angeles. Porq. se de-
morou tanto?

Angeles

Com anxied^d. / Já lhe respondo, Cecilia: diga-me
primeiro: Como se acham aqui aquellas es-
tatuas?

Cecilia

Com medo. / D'um modo m^{to} simples.

Angelo

Falle, falle depressa!

Cecilia

Vieram-me hoje como prenda d'annos.

Angelo

E q.^m lh'as offertou?

Cecilia

Luiz Borges, o filho de Manoel Borges, um velho amigo de meu pai e aquelle q.^o ha tres dias lh'as comprou. Mas por q.^o me pergunta isso?

Angelo

[Ansiado.] Porquê?... porquê?... [Pausado.] Nem eu sei; louco!

Cecilia

[Preceiosa.] Desconheço-o, Angelo; explique-se.

Angelo

[Toma as mãos de Cecilia como socegando-a.] Não é nada, Cecilia... não é nada... Foi, como é natural a curiosidade q.^o me incitou.

Cecilia

[Socegada.] E por uma coisa d'essas é necessario fallar-me d'esse modo? Alhe q.^o tive medo.

Angelo

Perdoê, Cecilia, mas o meu genio...

Cecilia

Diga-me agora por q.^o se demorou tanto?

Angelo

Por q.^o não quiz vir sem trazer a m.^a offerenda /
Aponta o grupo / a mais humilde por certo entre
as m.^{tas} q.^o devia receber, mas a mais filha do
amôr, da sympathia e da gratidão.

Cecilia

Agradecida, Angelo. Oh! como é lindo!

Angelo

Demorei-me por q.^o, embora pobre a m.^a prenda,
p.^o q.^o ella podesse ser apresentada n'este mo-
m.^{to}, tal como a m.^a consciencia exigia, me
foi preciso trabalhar até agora, depois de tres
dias sem repouzo; de m.^{to} tempo de vigílias.

Cecilia

Apprecio m.^{to} a sua doação — p.^o mim a melhor joia
— e muitissimo o seu trabalho, mas bem sabe
q.^o a' custa de sacrificios nada desejo, nada
quero. E se adoecesse?

Angelo

Não adoecia, Cecilia; p.^o isto teria sempre forças. Pe-
los anjos tudo é pouco e alli está a imagem

de um anjo!

Cecilia

Bem vejo q.^l é um anjo; explique-me o sentido, Angelo.

Angelo

Aquillo é o compendio q.^l resume todos os sentimentos q.^l me agitam, inspirados a' suavissima luz da sua candura, da sua bond., da sua generosid. e do seu amor.

Cecilia

Como sou feliz, Angelo!

Angelo

Esta' alli a sua imagem; esta' alli o anjo da felicid., tendo em lagrymas curvado aos pés, um pobre a q.^m aponta — em cima — o céu como base de toda a fé e ao longe o futuro como rozal de venturas.

Cecilia

Tomando insensivelm^{te} a posicao do anjo. / E tem fé, tem esperanças no futuro?

Angelo

Agora tenho, por q.^l vejo q.^l o anjo me sorri / ajoa
thá e beija-lhe as mãos. / por q.^l vejo alli a ima-
gem / aponta o grupo. /

Cecilia

E aqui o modelo?

Angelo

Porq. vejo alli o sonho...

Cecilia

E aqui a realidade!

Angelo

Sim; creio-o, por q. m.º a assegura, Cecilia.

Cecilia

Oh! fazem-me bem essas palavras. Agora deixe q. eu chame as m.ºs amigas, meu pai, q. os chame a todos p.º admirarem a sua offerta. Vai-se dirigindo ao F. e encontra-se com Seabra q. entra seguido de todos os convidados.

= Cena 8.ª =
As m.ºs e todos os convidados

Seabra

Vindo. / Eh! eh! eh! tem graça, tem!

Cecilia

Olhe q. já veio o Sr.º Angelo, papá! Angelo beija a mão a Seabra.

Seabra

Sorrindo. / Pensas boas horas não tem duvida.

Angelo

Sobravam-me os desejos de vir mais cedo, porém...

Cecilia

Interrompendo-o e conduzindo Seabra a' méza da estatua,
Venha, venha vêr.

Angelo,

Cumprimentando, Minhas ^{as} Srs. ... meus ^s Srs. ...

Manoel

Como vae o nosso artista?

Doutor

Como esta' o nosso amigo, o nosso poeta?

Angelo

A Borges, Optimo, agradeçido a V. Ex.^a ao Doutor,

Doutor, aperta-lhe a mão.

Seabra

Admirado deante da estatua, Com effeito!

Manoel

O q. é'?

Suz.

Cumprimentando Angelo, Sr. Angelo, Angelo responde,

Seabra

Cheguem-se, cheguem-se e verão. Todos rodeiam a
méza.

Cecilia

Aprenda I'annos do Sur. Angelo.

Manoel

Admirado. Ah! e' realm^{te} um trabalho admiravel!
Sim Sur.!

Angelo.

Seabra. Desculpe V^{ra} a mesquinhez da offerenda
... mas cada um conforme pode.

Doutor

Surprehendido. Oh! Tudo abraçar Angelo. Dê-me
um abraço e creia q.^o e' de verdadeiro amigo; de
sincera 'sympathia. Já sabia q.^o gravava po-
emas em granito, e soube ainda não ha m^{to}
q.^o também os tracava em papel. Felicitto-o do
coração por uns e por outros, mas sobre tudo
por aquelle, q.^o e' maravilhoso, surprehendente.

Angelo

Retribuo com amizade leal a amizade sincera
e franca q.^o me dedica e q.^o cordealm^{te} agradeço,
juntam^{te} com os encomios q.^o me derige.

Amelia

Dr. Borges. Como está bonito, papa', não acha?

Doutor e Luiz conversam.

Seabra

Apertando a mão a Angelo. Hoje competia-lhe mais

a ella do q.^o a mim; deixa-me agradecer-te no
entanto a tua lembrança.

Adelaide

Matthilde / Squillo ha-de por certo significar
alguma coisa.

Angelo

Seabra / Baptisiz a um desejo, trouxe a m.^a offe-
renda, sem valor nenhum como obra d'arte,
mas talvez com o merito de poder exprimir al-
guma coisa.

Manoel

Dê-nos então a explicação, Sr.^o Angelo.

Doitor

A parte / Vejamos se me engano. / Começa a ouvir-se
de novo a serenata.

Angelo

Nunç mostrar q.^o não sou ingrato, q.^o não esque-
ço o bem q.^o se me faz. / Todos ouvem / Ali de-
via ter um lugar distincto a imagem do
meu protector / Indica Seabra / Não o tem mas
está e estará gravada sempre aqui. / Mão no
coração / Esta a imagem da candida filha
q.^o o ceu lhe concedeu, esta o anjo virtuoso,
q.^o num mom^{to} inspirado por Deus poudo dar

o dom da palavra a uma creanca muda
e pobre, inspirando em seu pai tambem o
nobillissimo sentim^{to} da generosid.^e, q.^o fêz
com q.^o elle convertesse, essa creanca, esse po-
bre, q.^o alli ajoelha aos pés do anjo, e q.^o sem
o seu amparo seria um ^{+ grande} desventurado, no ar-
tista q.^o aqui vêdes... no homem a q.^m não
desdenhaes apertar a mão.

Doutor

A parte. Accertei! É uma alma nobre!

Luiz

Indo a Angelo. É aqui esta a prova d'aquelle q.^o
n^{to} se honrara' de poder de futuro contat-o
no numero dos seus affeicoados. Aperthe a mão,

Angelo

A honra recebo-a eu, Sur.^o! Serenata vae-se appro-
ximando.

Seabra

Bem sei q.^o es reconhecido, Angelo. Faco-te
tudo por q.^o o mereces e não p.^o q.^o m'o agra-
deças.

Angelo

A bond.^e de V.^o vae até esse ponto.

Mancel

Então não dizem nada as Sur.^{as}?

Adelaide
Como? se as Sur.^{as} dizem tudo?

Amelia
Ja' demos os parabens a' Cecilia e resta-nos agora felicitar o Sur.^l Angelo, não só pela sua obra, mas também por os versos d'ha pouco.

Angelo
Confundido / Por q.^m e' m.^a Sur.^a...

Luiz
Cecilia / Ganhei ou não ganhei? Não disse a V.^{za} q.^l a serenata havia de voltar?

Adelaide
E' verd.^e, Cecilia, ganhou o Sur.^l Luiz.
Cecilia

Pois olhe q.^l nem sempre se ganha. Vamos de novo até' lá' fora, querem?

Doutor
Quem resistirá? à parte / Ella e' um anjo e elle um genio!

Amelia
Venha, papa!

Manoel
Vamos lá!

Seabra

Pois vão, vão q. eu fico aqui um pouco com o
Angeles.

Cecilia

Olhando p.º Angeles. Não se demore, papá! Vão sa-
hindo todos.

Seabra

Pois sim, doidinha, sim.

Cecilia

Da porta. Que lhe querera' elle? saem todos.

= Scena 9.ª =
Seabra e Angeles.

Seabra

Está lá; se queres ir vai também.

Angeles

Para quê? De V.ª deseja que eu fique, fico
de boa vontade.

Seabra

Sentando-se. Senta-te então. Disse-te q. ficasses,
por q. desejo abrir o coração... por q. preciso
desabafar, contar a alguém a alegria q. me
vai hoje cá por dentro... e tu és meu fi-

lho adoptivo, e sei q.^o has-de partilhar d'esta
alegria, da m.^a felicidade.

Angelo

A confiança q.^o V.^o deposita em mim e' mais
uma prova da estima p.^a juntar ás m.^{tas}
q.^o já lhe devo. E com certeza partilharei
da felicidade de V.^o, regosijando-me com ella
— por q.^o deveras a desejo — preso-me d'isso.

Seabra

Conheço-o.

Angelo

Com curiosid.^e / O dia de hoje, disse V.^o...

Seabra

Sim; o dia de hoje tem sido p.^a mim um dia
completo. O correio trouxe-me de manhã no-
ticias, q.^o bastante me regosijaram, e q.^o sem
dúvida não hão-de produzir em ti menor
effeito. Em uma carta de Paris assegura-
me o nosso amigo Arthur de Menezes q.^o serão
permiadas com a medalha d'ouro as tuas
estatuas, q.^o foram p.^a a exposição...

Angelo

Satisfeito / Realmente...

Seabra

Continuando. E mais ainda; dá-me como m^{to} provavel a tua nomeação p.^a socio honorario d'Academia Imperial de Bellas-Artes d'aquella cidade. Bem vês q.^d não se é indifferente a uma noticia d'estas.

Angelo

Se V.^o me quer como a seu filho!

Seabra

A tua gloria é a m.^a gloria tambem.

Angelo

É toda de V.^o. Mas como ponde o Sr. Arthur de Menezes ter conhecim^{to}...

Seabra

Como? facilm^{te}. Bem sabes q.^d é um homem de m.^a importancia, q.^d tem em Paris relações com pessoas da alta socied.^e — e das quaes com certeza ponde obter as informações q.^d me mandou.

Angelo

Essas noticias são deveras p.^a regosijar-me.

Seabra

Além d'isto, tem-me alegrado tambem hoje a expressão de contentam^{to} q.^d tenho notado em Cecilia, por q.^d a fallar-te a verd.^e, ha

uns tempos p.^a ca' g.^a a acho melancholica.

Angelo

Imaginacão de V.^o. ^{Recios de pai carinhoso.} ~~the guer tanto g.~~
~~esta sempre com receio.~~ Alem de g.^a e' prova-
 vel g.^a as noticias de Paris produzissem n'el-
 la o m.^{mo} effeito g.^a V.^o esta' sentindo ainda.
 Cecilia fêz-me a honra da sua amizade...

Seabra

Talvêz seja. Mas independente de tudo isto,
 Angelo, g.^a já não e' pouco p.^a satisfazer-me,
 o g.^a mais me alegra, o g.^a mais me encheu
 de jubilos o coração, foi o tractado g.^a ainda
 não ha meia hora accabei de fazer com
 o meu velho amigo Manoel Borges.

Angelo

Alguma empreza?... Alguma associacão
 commercial?...

Seabra

Contente. Qual historia!

Angelo

A parte. Que será! Atto. Não posso prever...

Seabra

Foi nem mais nem menos g.^a o casam.^{to} de
 Cecilia com Luiz Borges, g.^a e' seu filho.

Angelo

Num impulso, levantando-se de subito e reprimindo a
sua commoção / Ah! então V. ... / E fica enga-
gado sem poder dizer mais nada /

Seabra

Fiz este tractado e' verô. Era uma coisa q.
eu sonhava ha mto, por q. conheço bem o
rapaz. Tem dotes excellentes, sabe mto, por
q. tem andado mto, e ainda não ha dois me-
zes q. chegou d'uma viagem de dois annos;
e' trabalhador, e sobre tudo, como tu, tem u-
ma alma nobre e digna. Creio q. Cecilia
hade ser mto feliz.

Angelo

Reprimindo-se n'uma commoção violenta / Ahui-
to... Ah! muitissimo... q. duvida...

Seabra

Já vês se tenho ou não tenho motivos p.
estar scptisfeitissimo, p. me julgar comple-
tamente ditoso.

Angelo

Como acima / Na realid. ... E V. tem a cer-
teza de q. o filho do seu amigo... de q.
S. Cecilia não recusará? ..

Seabra

Ora essa! Cecilia não tem q.^l hesitar. Conhece Luiz tanto como eu, e depois bem sabes, a m.^a vontade sempre ha-de valer alguma coisa. Manoel Borges affiancou-me q.^l Luiz não recusa, q.^l duvida pode pois haver, não te parece?

Angelo

Sim... nenhuma... nenhuma... E regosijo-me com as alegrias de V.^l... e sobretudo... sobretudo por esta ultima felicidade...

Seabra

Obrigado, Angelo. Ah! sinto-me agora melhor, mais aliviado. Carecia d'este desabafo. Tu não sabes o q.^l são estas coisas, Angelo.

Angelo

Mas imagino-o... imagino-o, Sr.^l!

Seabra

Como respirando. Ah! vae até lá fora agora se queres. Eu vou mandar preparar a mesa p.^a uma partida de volterête. / Sae. Ouve-se até ao fim a musica da serenata mas indistincta q.^l naiz, como ao longe. /

Scena ultima
Angelo, Cecilia e o Doutor.

Angelo

Em completa prostração. Ah! o mundo!... Ainda
lia pouco tão feliz e já tão desgraçado!...
Nada me resta!... Foi-se tudo n'um mo-
m^{to}, tudo, tudo!... Oh! como eu sôffro!...
como eu sôffro!...

Cecilia

Correndo de subito por q.^l entra ouvindo-lhe as ultimas
palavras. Que tem, Angelo? O q.^l é? O q.^l
fez?

Angelo

Tudo... e nada, angó, q.^l sonhei de balde!

Cecilia

Falle, falle depressa... não vê q.^l me esta
martyrisando?

Angelo

O martyr sou eu... Entre nós acabou-se
tudo... Esqueça-me q.^l é esse o seu dever...

Cecilia

Não o entendo, Angelo, por pied^{de}, por pi^{de}

idade explique-se...

Angelo

Cecilia de Carvalho é a futura esposa de Luiz Borges!

Cecilia

Rheia de heroica sublimidade! Oh! nunca! nunca! Agarra-o pelo braço.

Angelo

Como esvaído. É essa a vontade de seu pai... a sua maior felicidade... Doutor vai p: entrar mas para escutando.

Cecilia

Angelo! Angelo!

Angelo

Faca-lhe a vontade... dê-lhe a felicidade... Que elle seja feliz, por q: é bem digno... e eu morrerei q: é o q: me resta!

Cecilia

Grito d'angustia. Ah! Abraça Angelo.

Doutor

Approximando-se. Não se morre assim! Está aqui um amigo e Deus no céu!

Cae o Pano

Fim do 4º acto.

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Acto 3.

Personagens.

Seabra

Cecilia

Angelo

Manoel Borges

Creado

Casa de Seabra. Uma sala mobilada com luxo; reposteiros etc E' manha.

= scena 1. =

Seabra e Manoel sentados,

Manoel

Sei perfeitam^{te}; não é caso de completa urgencia. Recusou então?

Seabra

(Conversando com ar de g.^m soffre.) Não recusou nem acceitou. Como te disse, Cecilia nunca havia pensado em casar-se e sabes perfeitam^{te}, p.^a uma menina g.^a nunca pensou em ter um marido, uma proposta como a m.^a; é sempre um choque, produz

um abalo maior ou menor...

Manoel

É certo; mas não deu indícios?...

Seabra

Recusou a principio, apresentando como motivos da sua recusa a pouca idade, a affeição q.^{ta} me dedica, e alem d'isto os poucos desejos q.^{ta} por ora tem de mudar de estado.

Manoel

Talvez não seja affeccionada ao Luiz.'

Seabra

Pelo contrario; enganaste, foi a primeira a confessar todos os merecimentos, todos os dotes moraes e phisicos de teu filho e a julgá-lo mto digno da sua mão. Mas escuta. Recusou a principio e eu insisti; ella expoz as suas razões e eu as m.^{tas}. No fim de algumas horas de conversa nada tinha ainda definitivamente conseguido, é' verdade, porem animou-me com bastantes esperanças, pedindo-me tres dias p.^{ra} expor, pensar, p.^{ra} se consultar a si m.^{ma}... Eis o motivo por q.^{ta} te não tenho procurado.

Manoel

E finda hoje o prazo, não é' ~~isso~~?

Seabra

E' Devo a' noute saber o q. resolveu duran-
te estes trez dias e amanhã terás a resposta.

Manoel

Eu desejo muitissimo a realisacao d'este negocio,
mas nem o Luiz nem eu o gueremos logo
q. Cecilia mostre a menor hesitacao, logo
q. p. a concepcao do nome de esposa te-
nhasde ^{+ para com teu filho.} empregar qualquer forza p. com
ella, e com isto nenhum de voz perde da
in. amizade, bern o sabes.

Seabra

Não ha-de dar-se esse ~~caso~~! à parte. Se elle sou-
besse!

Manoel

Antes assim, e so' assim poderão ser felizes.
As allianças forçadas não provam bem, Sea-
bra. Sobram-nos os exemplos. Mas é' q. nos,
os pais, cegamos-nos ás vèzes, fechamos os
olhos involuntariamente, ou não vimos tanto
q. to nos é' necessario. Imagina-se q. o inte-
resse é' tudo e deixamos-nos arrastar por

elle. — Entre nós não se dá esse caso.

Seabra

Sem duvida.

Manoel

Continuando. Porém não deve ser assim. Nestas coisas o melhor, é a alliança dos interesses de parte a parte com affeições communs; mas, q^{do} esgotados todos os recursos, isto não possa conseguir-se, então preferir sempre uma união em q.^l predominando som^{te} os interesses som^{te} d'affeições, sem conveniências, a uma união, em q.^l predominando som^{te} os interesses, não haja um vislumbre d'affecto, uma porção de sympathia, o q.^l é sempre fatal. A m.^a Doutrina é esta e creio q.^l não erro.

Seabra

Certam^{te}.

Manoel

Sei q.^l meu filho tem por Cecilia uma affeição mais q.^l vulgar, apesar de q.^a a sua prudencia, e, talvez antes o receio, o impediram sempre de qualquer confissão, de qualquer manifestação; e creio tambem q.^l Luiz não será uma pessoa de todo indi-

59

fferente a tua filha. Porém affeições mais fortes, mais impetuosas, q.^{ta} sabe se ella as terá?

Seabra

A parte. Já tenho pensado n'isto. [Mto.] Não tem. Cecilia é incapaz de enganar-me como lhe pedi, como o tem sido sempre, e ella confessou-me q.^{ta} nunca tinha pensado em casar-se, q.^{ta} nunca tinha amado.

Manoel

Já isso é um passo dado em favor de Luiz. Se
o relógio.

Seabra

E sei-o-hão todos por certo.

Manoel

O q.^{to} é certo é q.^{to} passa já de meio dia e eu tenho de estar no Banco d'aqui ha pouco. A conversa ia-se prolongando. Não saes?

Seabra

Por ora não.

Manoel

Amanha virei então saber o resultado d'este negocio.

Seabra

Não te incomodes; eu vou.

Manoel

A Deus! / Sahindo.

Seabra

A Deus! / Acompanha-o a porta.

= Scena 2.^a =
Seabra / 1.^o /

Seabra

Com soffrimento. Valha-me Deus! valha-me Deus!
Alm amigo, um amigo de ha mais de trinta
annos e nem coragem tenho p.^a lhe confessar
q.^d Cecilia se oppõe a' m.^a vontade e a' sua,
q.^d recusa a mão de seu filho, q.^d a recusará
talvez sempre! E não tenho pejo de o enganar!
não me envergonho de mim m.^{mo}! / Toca uma
campainha. Por q.^d sera' esta fraqueza e a
persistencia de m.^a filha?

= Scena 3.^a =
Seabra e um Creado.

Creado

V.^o chamou?

Seabra

Chamei. Já veio o antonio?

Creado

Chegou agora, Sr.^l

Seabra

Céntao?

Creado

A carta de Sr.^l foi entregue ao Sr.^l Angelo

Seabra

Estava em casa?

Creado

Sim, meu Sr.^l, estava e disse q.^l não se demoraria.

Seabra

Esperemos. So creado, vá chamar-me ao meu gabinete logo q.^l elle chegue.

Creado

Sr.^l não deseja mais nada?

Seabra

Não. Creado sae p.^o um lado, Seabra p.^o outro. Quem o diria! q.^m o diria!

= scena 4.^a =
Angelo p.^o

Angelo

(Entrando pelo F, aspecto de soffrim^{to}.) Eis-me de novo
aonde a fatalid^e me chama, talvez p.^a mais
depressa me fazer tragar a ultima gotta do
calice d'amarçura, p.^a mais depressa me dar
a ultima punhalada. E no entanto ella es-
tima-me cada vez mais e eu adoro-a sem-
pre com mais vehemencia! Mas a q.^a virei
eu aqui? Tenho medo! Que me querera' elle?
Que pertendera de mim este homem, q.^a ha
trez dias soffre tanto e por m.^a causa? Ah! mas
a culpa não e' m.^a! Deus bem sabe q.^a de boa
vontade me sacrificarei completam^{te} p.^a lhe
dar um mom^{to} de prazer. Ella e' q.^a não
pode, não pode, não! = O seu esquecim^{to},
Angelo, o seu abandono, sera' a m.^a desgraça,
sera' p.^a mim a morte! = Foram as suas
palavras! E matto-a a ella se lhe salvo o
pai! ^{+ se q. salvo a ella matto-o a elle que e' meu pai tambem!} Eis a poesia dos meus vinte annos!
as m.^{as} flores! as m.^{as} alegrias! Sejamos
o q.^a me quer!

= scena 5.^a =
Angelo e um creado.

Angelo
 eth. 'es tu Joaquim.

Creado

Alm seu creado, Sur.^l Angelo

Angelo

Sonde esta' o Sur. Seabra?

Creado

Deve estar no gabinete.

Angelo

E a menina?

Creado

A Sur.^a D. Cecilia? Essa creio q.^l esta' no quar-
 to e encommoada por q.^l mandou chamar
 o Sur.^l Doutor.

Angelo

[Incioso.] Sabes se' coisa de cuidado?

Creado

Ella anda de pe'; mas ha trez dias q.^l tem
 chorado bastante; la' isso e' vero. Mas o
 Sur.^l Seabra hade querer fallar-lhe e eu vou
 avizal-o de q.^l V.^a ja' chegou. [sae.]

— scena 6. —

Angelo Seabra e o Creado

Angelo

Lagrymas?! Martyrios! trez dias de martyri-
os! uma eternidade de angustias!

Seabra

Entrando seguido do creado a q^m se dirige. Pode reti-
rar-se nao preciso mais nada.

Angelo

Indo a Seabra. V^{ra}. como tem passado?

Seabra

Mal; pessimam^{te}. Sentando-se. E tu? Vens hoje
tambem com cara de pouca saude.

Angelo

~~Effectivamente~~ Effectivam^{te}... passei a noute bastante in-
commodado... Indisposicao q. ja' passou...
A parte. Se elle soubesse! Mto. O q. deveras
sinto sao os incommodos de V^{ra}...

Seabra

E grandes! bem grandes! Senta-te ahi; pre-
ciso fallar-te. Angelo obdece.

Angelo

A parte. Que sahira' d'aqui, meu Deus!

Seabra

62

Diz-me uma coisa, mas falla-me a verda^d, so' a verda^d.

Angelo

Atterrado mas forçando mostrar o contrario. Creio q^{ue} nunca fallei d'outra maneira a V^{ossa}...

Seabra

É' depois de mim a pessoa a q^{uem} Cecilia dedi-
ca mais amizade, e' o seu confidente desde
creanca, o unico conhecedor dos seus segredos.
Diz-me: Cecilia tem affeicao a algum ho-
mem... ama alguma pessoa?

Angelo

Levantando-se de subito e hesitando. Nue... eu
saiba não tem...

Seabra

Falla a verda^d; parece q^{ue} hesitas.

Angelo

Apparentando conviccao. Não minto, Sr^{re}. Mas
e' q^{ue} uma pergunta d'essas... assim...

Seabra

Admiras-te? Eu te explico por q^{ue} t'a faço e
dir-te-hei depois p^{or} q^{ue} te mandei chamar.
Senta-te.

Angelo

Tentando-se e à parte. Tremo meu Deus!

Seabra

Escuta e não me interrompas. Como sabes fiquei na noite de sexta-feira tratado entre mim e Manoel Borges o enlace de Cecilia com seu filho Luiz, e resolvemos, afim de não andarmos precipitadamente, elle fallar n'isso ao rapaz e eu fazer a proposta a Cecilia no dia seguinte. Assim aconteceu. Luiz Borges accitou de prompto, manifestando-me a ambicção de unir-se a Cecilia. Esta porem recusou, mas de um modo formal.

Angelo

À parte. Já o sabia.

Seabra

Assombrou-me a sua resposta e não me convenceram as razões em q.^a baseava. Não desisti contudo; prosegui hontem nas m.^{as} tentativas, mas foram inuteis como as antecedentes. Crescia com os meus esforços a sua pertinacia em recusar, o q.^o me atormentava cada vez mais. Havia promettido uma resposta a Manoel Borges, mas d'este modo esquivava-me a dar-l'ha.

Scismava e soffria. Foi então q.^{to} se despertou em mim a ideia de q.^{to} Cecilia andaria por ali preocupada com algum namorico.

Angelo

[A parte] Se elle imaginasse!

Seabra

Caltei-me no entanto e voltei hoje de novo á battalha. O resultado foi ainda o m.^{mo}; não casa, não quer casar. Exasperei-me, incitou-me a sua obstinação e n'um mom^{to} de co-lera cheguei m.^{mo} a impor-lhe a m.^a vontade como coisa q.^{to} inevitavelm^{te} se hade cumprir. Nem assim.

Angelo

[A parte] Ah! como ella não soffreria!

Seabra

[Limpa o suor.] Fiquei então fora de toda a duvida q.^{to} Cecilia tinha relações com... alguém. Vejo porem q.^{to} me enganei...

Angelo

Certam^{te}.

Seabra

Por q.^{to} me dizes q.^{to} não e tu sabes os seus segredos.

Angelo

Pelo menos g.^o eu saiba.

Seabra

Quer. Em vista d'este conjunto de coisas avia o g.^o t^otenho soffrido. Todas as alegrias, todos os prazeres, g.^o ha tres dias me douravam a vida foram transformados n'um mom^{to} em amarguras e tristezas. Aquelle felicio de g.^o me julgava prussuidor foi-se n'um instante. E comtudo eu tinha de dar uma resposta a Manoel Borges, e foi com essa ideia g.^o te mandei chamar. Pouco depois de te enviar a m.^a carta entrava o meu amigo.

Angelo

E...

Seabra

Esahi ha pouco talvez bem satisfeito, por g.^o tive a coragem de o enganar de o illudir... eu, um homem de cabellas brancos... elle, o meu maior amigo...

Angelo

Então?...

Seabra

Disse-lhe g.^o Cecilia nem havia accettato

nem recusara tambem, mas q.^l me pedira tres dias p.^a pensar, q.^l esse prazo findava hoje a'noite, ficando em dar-lhe amanha uma decisao d'este negocio.

Angelo

E se ella persistir em nao accutar?

Seabra

Foi por isso q.^l te mandei chamar. Resta-me uma esperanca, o ultimo recurso, mas q.^m sabe? talvez o melhor.

Angelo

Qual?

Seabra

Tu.

Angelo

Angustiado. / Eu?!

Seabra

Tu, sim.

Angelo

Mas...

Seabra

Escuta.

Angelo

Aparte. / So' me faltava isto!

Seabra

Cecilia é' quaise tua irmã. Nada lhe pediras
q.^l te não faça, conheço-a. Coisas q.^l sem escrú-
pulo talvez, me recusaria a mim não t'as
recusaria a ti. Como isto se explica não o
sei eu, mas sei q.^l se dá! Em vista d'isto,
tenho a certeza de q.^l um pedido teu terá
tudo o valim^{to}, e foi contando com elle q.^l
te mandei chamar. So' deste modo poderei
dar amanhã uma boa resposta ao meu
amigo e vêr realisados os meus mais arden-
tes desejos. Encarrego-te pois de pedires a
Cecilia o q.^l me recusa a mim.

Angelo

De m.^{to} boa vontade... nada me custa...
e oxala' q.^l eu consiga... / Como procurando esqui-
var-se. Mas ha uma coisa, q.^l talvez es-
quecesse a S.^{ta} e q.^l não deve ser desprezada.

Seabra

Falla, falla, qual é'?

Angelo

É' q.^l Cecilia talvez não sympathize com o
Sr.^l Borges.

Seabra

Estás enganado. Ella teima em recusar e
ver^{de} mas não deixou de confessar ainda,
q.^o Luiz é um homem digno e havia de
ser um marido mais digno ainda.

Angelo

Amiguinho. Nesse caso...

Seabra

Empenha-te q.^o ella hade ser feliz e sê-o-hei
tambem.

Angelo

Seja.

Seabra

Cita q.^o chega! Deixo-te com ella em q.^{to} me
preparo p.^o sair. Empenha-te Angelo. [Sae]

= Cena 7.^a =
Angelo e Cecilia.

Angelo

Que luta meu Deus! q.^o luta! [Saem encon-
tro de Cecilia.]

Cecilia

[Entrando.] Ainda bem q.^o veio Angelo.
Angelo

Cecilia!

Cecilia

Não imagina as angustias q.^l tenho passado ha
trez dias! Sabe q.^l tenho soffrido, por q.^l lh'o
mandei dizer e por q.^l o deve ter admirado.
Mas não pode fazer ideia da grandeza dos
meus soffrim^{tos}!

Angelo

Affligindo-se mas não o querendo mostrar. Eu rio com
as suas alegrias, q.^l são flôres q.^l me perfumam
a alma, e soffro com as suas amarguras, p.^a
num agudissimos espinhos, sabe-o. Mas... p.^a
q.^l ha-de affligir-se tanto?

Cecilia

Essa pergunta, Angelo! Affligo-me por q.^l me
querem obrigar a riscar, aqui, do coração a
sua imagem e o seu nome; por q.^l me querem
obrigar a esquecê-lo, unindo-me a um ho-
mem q.^l me é completam^{te} indifferente; por
q.^l me querem roubar ao seu affecto; por q.^l
me querem fazer desgraçada, m.^{to} desgraçada!

Angelo

A desgraçada serei eu, por q.^l a perderei, Ceci-
lia! Alhe, escute; uma mulher é sempre

feliz q.^{do} encontra p.^a marido um homem
q.^l tem uma alma nobre, e a riqueza su-
fficiente p.^a a apresentar na socied.^e com
as exigencias q.^l a sua educaçao creou, com
a esplendidez de q.^l e' digna

Cecilia

É o meu amor? o meu amor, q.^l está acima de
tudo isso? Julga q.^l me deixo seduzir pelos ex-
plendores do luxo, do ouro, das joias e dos
prazeres? Engana-se. A m.^a felicid.^e não
vae n'isso; está n'um ponto, n'um ponto
unico, fixo, immutavel-o seu amor!

Angelo

E q.^m lhe diz q.^l esse se extinguirá? ninguém.
Não poderei amala como ha tanto tempo
tenho sonhado, mas, acredite, amala-hei
como o q.^{do} eramos creanças, como se amam
dois irmãos.

Cecilia

Ah! não me torture mais! não me falle
d'esse modo! Não queira capacitar-me de
q.^l nunca sentiu por mim um bocadinho
d'affeição, o q.^l seria p.^a mim o maior dos
golpes; de q.^l me tem illudido sempre; de

q.^l me tem enganado, arrastando-me até aqui
p.^a agora me despenhar de tão alto! Amor
d'irmão! E falla-me n'isso! Eu não creio
n'essas coisas, e q.^{do} immo o accreditasse, uma
affeicão d'essas já não bastaria hoje p.^a mim.
Quero o seu amor em toda a grandeza, com
toda a vehemencia, com todo o fogo...

Angelo

Esse pai? Conheço o seu amor, conheço, mas
não ignora também q.^l devo tudo, tudo a el-
le. Faça-lhe a vontade, sacrifico-me eu, mas
dê-me essa prova da sua affeição!

Cecilia

Ah! não! nunca! não posso! Sei até onde
vae, Angelo. Conheço bem a grandeza da sua
alma, a nobreza dos seus sentimentos e a subli-
midade da sua abnegação. Matta-se p.^a sa-
tisfazer a um desejo de meu pai, sacrifi-
ca-se sem uma queixa, sem um gemido, sem
um lamento, mas não sabe q.^l me arrasta
consigo no seu heroismo sublime, q.^l me
sacrifica também, mas d'um modo funes-
to, por q.^l sou fraca, por q.^l não posso,
não posso viver sem o seu amor. Ah!

67
como deve soffrer! como deve ter soffrido! em
gelo!

Angelo

Muito!.. Deus bem o sabe!.. mas...

Cecilia

Escute e não negue; tenho a certeza de q. foi
meu pai q. o mandou aqui; mais por uma
teima, por um capricho talvez, do q. pela
convicção de q. a m.^a felicidade depende do
q. me pede; bem sei q. foi elle. O q. não
sei é como teve coragem p.^a o fazer, como
teve forças p.^a não cahir, p.^a não morrer.

Angelo

A m.^a consciencia...

Cecilia

Assim o exigia, não é' verda? e o seu coração?
o seu coração?

Angelo

Fria desfazendo-se pedacinho a pedacinho, fi-
bra a fibra, até q. de' todo se reduzisse
a pó! Eu amo-a, Cecilia, como se ama u-
ma só vez na vida, com um amor q. não
pode ir mais longe. Mas desde o momento
em q. o homem cuja protecção eu não

pagaria com todos os sacrificios, me impoz
a sua vontade dizendo: Vae pedir a m.^a fi-
lha q.^a e' tua irma desde a infancia q.^a de
a mao d' esposo ao homem q.^a lhe destino,
eu nao podia hesitar um mom^{to}, nao he-
sitei um segundo. Tentei soprar o fogo
q.^a me devorava o coracao, tentei lancar
um veu sobre as angustias, sobre os mar-
tyrios, sobre a lucta em q.^a me achava,
p.^a me apresentar sereno, por q.^a alegre era
impossivel, mas vejo q.^a foi debalde! Fui
fraco, trahi-me, nao ponde sustentar o
meu papel! Mas cumpri o meu dever...
pedi...

Cecilia

Cumpriu; a sua consciencia deve estar sa-
tisfeita, mas pediu um sacrificio p.^a q.^a
me faltam as forcas, um sacrificio q.^a
nunca farei, por q.^a nao ha lei q.^a o im-
ponha, nem dever q.^a o exiga, por q.^a nao
esta n'elle a felicidade de meu pai.

Angelo

E q.^a devo dizer-lhe, a elle, q.^a poz em mim
a sua ultima esperanca? / Scabra apparece

a' porta esultando.

Cecilia

Diga-lhe a verd.^{de} Diga-lhe q.^{to} nos amamos
com aquelle amor, q.^{to} so' Deus inspira, q.^{to}
nunca pertencerei a outro homem, q.^{to} serei
sua ou morrerrei.

Angelo

Exultando. Ah! como eu a adoro!

— Scena 8.^a —
— Os Mmos e Seabra —

Seabra

Horrendo n'um impeto de colera e levantando Angelo
pela gola do casaco. Miseravel!

Angelo e Cecilia

Grito d'angustia. Ah!

Seabra

Infame! saia, saia immediatamente. Aponta-lhe
a porta.

Cecilia

Meu pai!

Seabra

Ja' disse! nem mais um mom^{to} aqui!

Angelo

Extremamente angustiado. / Perda...

Seabra

Saia! não tem q.^l hesitar! 'Judas.' q.^l me
beijavas p.^o me atraícoares! Infame! fôste
como a serpente da fabula / Impeto de colera!
Fora! fora q.^l me podes envenenar também
a casa! / Vae sobre Angelo q.^l recua.

Cecilia

Ralhando de joelhos, abraçando Seabra pelas pernas
e deixando-se arrastar por elle. / Piedade! piedade!

Angelo

Um mom^{to}... um mom^{to} apenas p.^o me jus-
tificar...

Seabra

Não ha justificações nem eu as quero...

Cecilia

Não o torture, meu pai, a culpada sou eu...

Angelo

Supplicando angustiadissimo. / Um mom^{to}... um
mom^{to} d'atenção em nome da esposa q.^l
está no ceu...

Seabra

Ah!

Angelo

Não quero q.^o o edificio de m^{tos} annos se des-
 trua, se aniquille n'um mom^{to}; não. Quei-
 ra V^l. ouvir-me por um instante, e se
 depois julgar q.^o sou infame, q.^o sou ingrato,
 q.^o sou criminoso, a victima estará' promp-
 ta p.^a o castigo. Era eu uma creanca
 q.^o V^l. me tomou debaixo da sua vali-
 osa protecção. Já' lá' vão quaze seis
 annos. Durante uma parte d'este tem-
 po, uma creanca tambem, — a filha de
 V^l. — meiga, bôndosa, innocente e candi-
 da, vivia comigo em intimic^{de} familiar,
 como se fora m.^a irma. Aos olhos de V^l.
 cresciam as duas creancas como duas flôres.
 Uma progredia nos seus estudos, a outra
 ia adquirindo novas prendas, novas sedu-
 cões. Um dia, passados annos, uma d'es-
 sas creancas, q.^o eram os seus enlevos, a-
 chou-se homem, — era eu — a outra q.^o era
 a filha de V^l. tornou-se tambem mu-
 ther, surprehendendo-me entao com todos
 os encantos da sua belleza, da sua can-
 dura, do seu espirito e da sua innocencia!

Não sei como, mas sei q.^l desde esse mom^{to}
a m.^a affeição quaije fraterna, a m.^a ami-
sade de irmão converteu-se n'um sentim^{to};
q.^l não posso explicar, mas vehem^{te} e impe-
tuoso. Eu amava Cecilia.

Seabra

Ah!...

Angelo

Perdão... Eu amava Cecilia e ella retribu-
ia-me tambem.

Cecilia

Não o nego, meu Pai...

Angelo

Continuando. ~~Os~~ impetos da m.^a paixão não
me cegaram, porem, a ponto de não comprehen-
der o abysmo q.^l se levantava deante de mim.
Não recuar por q.^l era esse o meu dever, por
q.^l era o q.^l exigia a m.^a consciencia, mas q.^l
accordei já era tarde! Não abafar o amor,
q.^l me devorava, tentei q.^l Cecilia perdesse o q.^l
me offerecia, mas nenhum de nós ponde ar-
rostar com o sacrificio, q.^l de certo ceifa-
va duas vidas — a m.^a e a d'ella, q.^l era necessa-
ria, q.^l era preciosa! Que me restava entao?

Luctar, luctar com desespero, e beber silencioso as lagrymas incandescentes d'um viver angustiadissimo! Foi o q. fiz! e o q. tenho feito! Não fui ingrato, por q. não esqueci q. tudo devo a V. e por q. de boa vontade morre-ria p. dar-lhe um instante de ventura, mas e' q. o meu sacrificio, o sacrificio q. o dever me impunha importava o d'ella também e V. não o exigiria nunca por esse preço.

Seabra

Como eu soffro! E por q. guardas-te segredo? por q. occultas-te aos meus olhos o sentim. q. te dominava, sabendo q. te havia feito um homem, sabendo q. eu era tão ~~seu~~ amigo?

Angelo

Ocultei-o receiando por ella. Sabia q. tudo devia a V. q. V. era p. mim um pai, e foi por isso q. não hesitei, bebendo todo o fel do calice das amarguras, em cumprir a sua vontade, indo pedir a Cecilia — indo pedir aquella q. eu amava, q. eu idolatrava no santuario de minh' alma q. desse a mão de esposa a outro homem.

Cecilia

Cumpri o seu dever, meu pai...

Angelo

Julgue-me V.ª agora, pese bem a m.ª confissão
lão sincera como a faria aos pés de Christo
e se depois entender q. sou um miseravel, q.
sou um infame, q. sou criminoso, queira lançar
a sua sentença, por q. o condemnado não recu-
ara!

Seabra

Ah! e o mundo q.º souber d'isto!...

Angelo

O mundo não o sabe nem o saberá nunca por
q. os meus labios ainda se não abriram p.
dar passagem a uma palavra q. o deixasse
adivinhar.

Seabra

Porturado. Ah! não sei...

Cecilia

Então, meu pai?

Seabra

Lucta um pouco e tomando depois uma resolução,
Serei generoso, por q. não quero ser mau...

Angelo

V.ª perdoa?

Seabra

Perdão, mas imponho uma condição q.^{ta} ha-de cumprir-se.

Cecilia

Ah! eu bem sabia q.^{ta} perdoava!...

Seabra

[Angelo.] Vou ministrar-te o dinheiro necessa-
rio; partirás ainda hoje ou amanhã a com-
pletar os teus estudos em Italia ou França.

Cecilia

Ah! não! não meu pai! [cae de joelhos.]

Seabra

[Cecilia.] Perdoei ha pouco não me obrigues a
amaldiçoar agora. [arrastando Angelo.] Vamos!

Angelo

Ah! meu Deus! [cae com Seabra.]

Cecilia

[Levantando-se e cahindo n'um sofa.] Oh! como sou
desgracada!

— Cena 9.^a —
Cecilia e o Doutor.

Doutor.

Phue entra ainda ouvindo a exclamação de Cecilia. / Gra-
ças q.^a chego a tempo! D. Cecilia... sou eu... e
um amigo... / Comigo. / A commoção foi violen-
ta, mas o effeito sera passageiro. / Chamando. /
Cecilia... D. Cecilia...

Cecilia /

Como accordando. / Sh. 'salve-me doutor! / Azarrando-o
pelo braço. / Salve-o a elle! Onde está? Onde está
Angelo?

Scena ultima
Os m^{mes} e Angelo.

Angelo

Entrando como doido. / Esse doido... esse louco está aqui,
mas vai cumprir um dever...

Cecilia

Rebendo de novo. / Sh.!

Angelo

Vae com soffreguidão beijar-lhe a mão. / A Deus!

Doutor:

Amparando Cecilia. / Prometti. 'começo hoje, mas hei de salvá-os!

Angelo

Corre e volta-se da porta. / A Deus!

Fin do 3. acto.

Acto 4.º

Personagens.

Seabra

Manoel Borges

Cecilia

Angelo

João Paes

Creados

A mesma decoracão do 2.º acto. É noite.

= Scena 1.ª =
Seabra Borges e o doutor Carlos

Seabra

1.º Doutor. / Vá até lá, doutor, vá. Anime-a com as suas palavras, e com os seus conselhos; mas sobretudo analyse-a bem, profunde bem o seu estado, p.º me tirar alguns receios, q.º ainda me atormentam.

Doutor

Farei o q.º poder, Sr. Seabra, e tenho feito q.º posso, accredite-o V.ª.

Manoel

Não ignoramos, doutor. Mas uma coisa q.^{ta} deve
ter em vista é a franqueza... Bem sabe...
Seabra

Sim, peço-lh'o eu, não me occulte a menor cir-
cunstancia...

Doutor

Esteja V.^{cia} certo d'isso. É o meu dever e não me es-
quivarei a elle.

Mancel

As vezes o receio de affligir um pai...

Doutor

Sei o q.^{ta} V.^{cia} me quer dizer. Mas nem eu occul-
tarei a menor das circumstancias, nem as have-
rá agora tão graves q.^{tas} possam trazer desgostos.

Seabra

Pois então vá, vá.

Doutor

O Sr. Borges, permitta-me.

Borges

Ara essa, doutor.

Doutor

Então até já! /sae/

= Cena 2.ª =

Borges e Seabra

Borges

É um excellente homem este doutor.

Seabra

É vero, incansavel! Tem-se interessado tão devotamente pela saúde da pequena q. me acho penhoradissimo.

Borges

É homem de sciencia.

Seabra

Foi por isso q. me entreguei completamente a sua discreção, aos seus desejos, e a sua vontade, no momento em q. me confessou q. Cecilia corria perigo.

Manoel

Mas salvou-a, senão como medico, como amigo.

Seabra

Devo-lhe esse beneficio.

Borges

Alha, Seabra, a tua ultima resolução já devia ter sido tomada ha mais tempo!

Manoel

Que queres homem!

Borges

Tu nunca devias ter persistido n'uma coisa de tanta ponderação, de tanta gravidade. Se eu fui o primeiro 'a confessar-te, q.^o de boa vontade de desistiria das m.^{as} pertencções, e q.^o meu filho, q.^o não era menos interessado, o fazia também, p.^o q.^o havias de teimar? p.^o q.^o havias de insistir? Deixaste-te dominar um pouco por ideias q.^o estão em opposição com a doutrina q.^o professo, mas bem depressa lhe visteo resultado. Foi o q.^o devia ser.

Seabra

Fui fraco, fui. Deixei-me prender de mais pela ambição. Era pai, Manoel.

Manoel

Única circumstancia q.^o talvez possa absolver-te.

Seabra

Para castigo bem basta o q.^o tenho soffrido.

Manoel

Estas agora definitivamente resolvido?...

Seabra

Atudo, a tudo q.^{to} ella queira e o doutor mande.

Borges

Seja bem. Verás como não-de ser felizes. Am.

24

gelo é 'filho d'um rendeiro pobre e honrado, mas,
bem o sabes, o seu nome, graças a 'tua genero-
sidade, é conhecido em Portugal de ~~a~~ um a outro
extremo, e em França entre os artistas mais ce-
lebres, como o de 'um grande genio. Thesouros
tem-os elle e magnificos por q.^o possui um cora-
ção como poucos, e uma intelligencia robusta.
'Que mais queres tu?

Seabra

Eu, Manoel, o q.^o queria era a felicidade de m.^a
filha, q.^o era a m.^a também. Sonhei-a toda
no enlace com teu filho, allucinei-me e em
nada mais pensava, nada mais me preocupa-
va.

Borges

Precipitas-te, bem o sei. Felizm.^{te} q.^o ainda accor-
daste a tempo.

Seabra

'Que ainda me accordaram, diz antes, por q.^o foi
o doutor q.^o me abriu os olhos. E d'ahi q.^o
sabe? Cecilia esteve em perigo de vida, e não
sei ainda, não sei...

Manoel

Confiança, meu, amigo. O doutor não é ho-

mem q.^o falte a' verd.

Seabra

Deus o permitta.

Manoel

E, então, Angelo chega hoje?

Seabra

Creio q.^o sim; pelo menos esperamô-lo. Como sabes envieilhe ha quatro dias p.^o Paris, aonde tem estado, um telegramma, chamando-o a toda a pressa. Na resposta q.^o hontem recebi tambem telegraphicam^{te}, affiança-me q.^o chegará no comboio d'esta noite, a não haver uma circumstancia inesperada.

Manoel

Nesse caso deve estar aqui antes de uma hora

Seabra

Veremos.

Manoel

Ahi vem o Doutor.

— scena 3.^a —
Os m^{os} e o Doutor.

Seabra

Ando com ansiedade ao doutor. Então?

Manoel

Como a acha?

Doutor

Corre tudo às mil Maravilhas. Em quatro dias não podia melhoras mais.

Seabra

Está completamente livre?

Doutor

Sem a menor duvida. Já o affirmei a V. Exa.

Manoel

Dispondo-se a sair. A licença devia aproveitar a m.^{tes}.
Sinda foste feliz, Seabra. Adeus; eu retiro-me.

Seabra

Já!?

Escola Superior de Teatro e Cinema

Manoel

Já sim. Para hoje levo alegrias ~~bastantes~~ bastan-
tes. Amanhã virei visitar o nosso artista.

Doutor

Com o nosso amigo...

Manoel

Carosso amigo, sem duvida.

Seabra

Não esperas por uma chavena de chá?

Manoel

Não; obrigado; adeus.

Seabra

Adeus.

Manoel

Apartando a mão ao doutor. Doutor!

Doutor

Sur. Borges! Borges sae.

— Cena 4.ª —
Seabra e o Doutor.

Seabra

Como supplicando. Ora diga-me mais uma vez: Es-
tá m.^{to} animada? está m.^{to} contente?

Doutor

Muitissimo, e não tarda por ahí, por q.^l pode
e eu lh'o aconselhei.

Seabra

Veja lá, doutor!

Doutor

Affianço-lhe q.^l não há n'isso o maior risco.
Resente-se e ha-de ressentir-se ainda por al-
gun tempo. Bem vê q.^l quatro mezes de soffri-

mento, d'um soffrim^{to} atroz, como o q.^o a oppri^{mi}
mã, silencioso, abafado, sem uma queixa,
sem um gemido, fizeram estragos q.^o se não re=
param facil^{me}te, n'um mom^{to}.

Seabra

Valha-me Deus!

Doutor

As doencas moraes são sempre terriveis, Sr. Sea=
bra, sempre. Mas q.^o se lhe accode a tem=
po e com o verdadeiro antidoto, a cura e'
tambem prodigiosa. Agui havia um d'esses
cazos, caso p.^o q.^o a medecina propriam^{te}
dita e' impotente. Havia uma dessas paixoes
violentas, como apparecem poucas, e inheren=
tes sempre a organisações especiaes como a de
D. Cecilia.

Seabra

Nunca vi coisa semelhante.

Doutor

Era um amor immenso, um desses sentim^{tos}, q.^o
ou nos dão vida, por q.^o se sustentam com
o pleno gozo de um sentim^{to} egual, ou nos dão
a morte morrendo tambem com a falta d'elle.
O amor e' assim; ou se alimenta de um outro

amôr, ou nos devêra a nós m^{mos}. Não fallo nas
leviandades a q.^l por ali se da' esse nome. A
filha de V^l. amava o Sr. Angelo, q.^l lhe retri-
buia igualmente. V^l. interpôz um obstaculo
a essas affeições q.^l se nutriam uma da outra, o
resultado é q.^l iam operando isoladam^{te}. d'um
modo funesto, como era natural.

Seabra

Mas repete-me q.^l está salva agora, não repete?

Doutor

Repito. Agui o remedio estava todo na mão de
V^l. e depois da sua resolução, o q.^l havia a temer
era som^{te} o emprego d'elle. No estado da doente,
a noticia de q.^l V^l. accedia de boa vontade
aos seus desejos, de q.^l o Sr. Angelo devia chegar
pelo menos em cinco dias, era uma coisa gra-
ve, q.^l demandava serios cuidados, por q.^l Dou-
tra forma podia produzir uma commoção
violenta, uma excitação nervosa a q.^l ella
não resistiria. Felizm^{te} não foram baldados
os meus esforços, e agora acha-se já disposta
do modo o mais lisongeiro, por q.^l proude dar-
lhe a boa nova, sem q.^l o abalo fosse prejudicial.

Seabra

73
E não receia agora este encontro, doutor?

Doutor

Não receio nada. Dispuz as coisas de modo q. ^{compreensão} ~~a~~ das alegrias não têm a menor gravidade.

Seabra

Quanto lhe devo.

Doutor

E V.ª a lembrar-se d'isso. Eu quero apenas amizade e com ella honrar-me-hei muitissimo.

Seabra

A sua generosidade...

Doutor

Alhe V.ª; ahí vem Cecilia. Veja como vem bella e animada.

— Cena 5.ª —
Os Mmes e Cecilia

Seabra

[indo ao encontro de Cecilia.] Filha!

Cecilia

[Aspecto de q.ª tem soffrido.] Fallavam em segredo?

Doutor

Segredos! Que segredos pode haver entre mim

e o pai de V.?

Cecilia

Às vezes...

Seabra

Olha; encosta-te ao meu braço q. será melhor.

Cecilia

Não é necessário. Olhe q. não perdi as forças todas.

Doutor

(Aparte.) É uma pomba!

Seabra

Então anda lá. Mas... não vá o ar das janellas
fazer-te mal...

Doutor

Não tem duvida. Está aqui perfeitam^{te}. Cecilia
sentase.

Seabra

Parece-me q. te vejo melhor... menos opprimida...

Cecilia

Estou boa. Há quatro dias q. sinto renascer em
mim a vida q. quazi se ia extinguindo...

Seabra

És m^{to} feliz agora?

Doutor

Por q. não ha-de sê-lo?

Cecilia

Muito; mas completam^{te}... não sei...

Doutor

Mue mais deseja V^{ra}?

Seabra

Falla, falla falta-te alguma coisa?

Cecilia

Não so'.

Seabra

Qual? Cecilia, falla diz!

Cecilia

A convicção de q.^l meu pai e' feliz tambem.

Seabra

(Sorrindo.) Podes duvidar q.^l sendo-o tu eu o não seja,
louquinha!

Cecilia

Diz-me a ver^{de}?

Doutor

Fico por elle, D. Cecilia.

Seabra

Digo, filha, digo.

Cecilia

Então sou completam^{te} feliz. Dê-me um beijo a-
gora.

Seabra

Mil, Cecilia!

Cecilia

Que horas são, meu amigo.

Doutor

Nove menos um quarto.

Cecilia

Engelo não pode tardar.

Seabra

Se chegar hoje não pode demorar-se não.

Cecilia

Oh! tornara vê-lo já! Como deve ter soffrido, coitado!

Doutor

Puerendo desviar-lhe as ideias, V. Ex. talvez ainda não notasse como está formosa a noite.

Cecilia

Já vi, doutor, e já gozei da janella do meu quarto. Tive tantas saudades!

Seabra

Parece de maio; está lindissima!

Doutor

Pois então conversem um pouco e permittam-me q.^l vá dar algumas indicações ao Joaquin.

Seabra

Essa é' bôa! Mas p.^a q.^a ha-de encommo-dar-se. Chama-se
q.^a é' melhor.

Doutor

Não é' necessario; eu vou.

Seabra

Como quizer.

Cecilia

Demora-se, Sur. Carlos?

Doutor

Aguns mom^{tos} apenas. /sae./

Instituto Politécnico de Lisboa

= Cena 5.^a =

Cecilia e Seabra

Escola Superior de Teatro e Cinema

Seabra

Pontando-se ao lado de Cecilia e tomando-lhe as mãos, Ago-
ra q.^a estamos sós, deixa-me pedir-te perdão, filha.

Cecilia

Anim? de quê? Não tenho q.^a perdoar, meu pai.

Seabra

Tens tens Cecilia; eu bem sei q.^a fui um tyranno, q.^a
fui um verdugo...

Cecilia

Não pense mais n'isso.

Seabra

Lembra-me sempre e tenho remorsos de te haver martyrisado tanto!.

Cecilia

Esqueça-o, q.^l eu já o esqueci também.

Seabra

Esqueceste-o, por q.^l é um anjo! Mas elle, coitado! elle q.^l também tem a sua cruz, q.^m sabe se será tão generoso como tu?

Cecilia

Affianço-lh'o eu, meu pai. Mas não falle mais n'isso q.^l me afflige. Disse-me ainda ha pouco q.^l era feliz e vejo q.^l não me fallou verd.^{de}, por q.^l se está contrariando agora.

Seabra

Sou, sou, Cecilia.

Cecilia

Pois então não esteja com tristezas. Foi uma nuvem q.^l passou.

Seabra

Mas bem negra, filha.

Cecilia

Ahe; o prazer dos perfumes d'uma rosa, custa sempre as dores d'alguns dos seus espinhos. So-

frêmos todos e m.^{to}, não é' vero? Pois bem, vamos
gozar agora também m.^{to}, m.^{to}, vera!

Seabra

Oh! Multissimo!

Cecilia

Inquieta. Mas Angelo, demora-se. Quem sabe
se virá? Foi alguém á estação?

Seabra

Eu mandei o Antonio.

Cecilia

Instituto Politécnico de Lisboa

E já virá?

Seabra

Se viesse já me teriam arizado. Mas eu rejeito
p.^a o F.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Scena 7.

Os mmos e o Doutor.

Doutor

Entrando. Prompto. [à parte.] Esta' tudo combinado.

Seabra

Viu lá' por dentro o Antonio, Doutor.

Doutor

Sinda não chegou, mas deve estar por minutos.

Cecilia

Não lhe parece q. já deve ter vindo o comboio?

Doutor

É vero.; mas a espera das bagagens sempre demora um pouco, e bem vê q. d'aqui lá não é uma distancia q. se vença n'um mom^{to}, ainda m.^{mo} de trem.

Seabra

Por ora não tarda.

Cecilia.

Dirigindo-se p.^o o F. / Se o Joaquim não estivesse occu-
pado, podia ir ver.

Seabra

Eu não sei se o doutor o incumbiu d'algun ser-
vico...

Doutor.

Pum mas q. só desempenhara logo mais.

Seabra

Então eu chamo

Cecilia.

Mande, mande, papa! / Vae p.^o o F. Seabra dirige-se
a' méza p.^o tocar uma campainha mas suspende-se
vendo entrar Angelo.

= Cena 8ª =
 Os mmos e Angelo e um Creaco.

Angelo.

Entrando. Cecilia! Beija-lhe a mão mas como arrependendo-se
 vai depois a Seabra. Sh! meu bemfeitor! Seabra abra-
 ça-o com effusão.

Cecilia

Angelo! meu Angelo!

Seabra

À parte. Como está mudado!

Cecilia

Venha, venha sem receio e dê-me um abraço!

Creaco

Do Doutor. Mr. Doutor. Doutor vai à porta onde apparece
 o creaco.

Angelo

Mas não comprehendo...

Seabra

E' tua... e' tua... abraça-a, Angelo.

Angelo

Oh! felicidade. Mas...

= Cena 9ª =

As m^{ms} e João Paes

João
Da porta. V^{ra}. dá licença?

Doutor
A parte. Veio a tempo!

Seabra
O João Paes!

Angelo
Meu pai!

Cecilia
Entre, João, entre.

Seabra
Mas como te achas aqui?!

Angelo
Vendo a João beija-lhe a mão.

João
Deus te abençoe filho. A Seabra. Cheguei agora no
comboio. Cumprir as ordens de V^{ra}.

Seabra
As m^{as} ordens?! Cecilia e Angelo conversam e o doutor ri.

João
Pois V^{ra} não me escreveu uma carta mandando-
me apresentar hoje aqui?

Seabra

Eu??

Doutor

Perdão. Fui eu q. a escrevi. Mudei do nome de V. mas espero absolvição a culpa.

João.

Não percebo nada.

Doutor

Eu me explico. V. foi e é hoje mais q. nunca um segundo pai do Sr. Angelo.

João

La' isso é verc. Angelo e Cecilia esutam.

Doutor

Levantou-o do nada em q. jazia e elevou-o até a altura de dar-lhe como esposa sua filha unica.

João

Pois quê? meu filho... Espantado olha p. todos.

Doutor

Seu filho é o futuro esposo de D. Cecilia de Carvalho.

João

Oh! Deixe-me em paz... tanta felicidade... Du-
vidando.

Doutor.

Perdão; p:^a as alegrias temos ainda m:^{to} tempo.
[Seabra.] O coração q.^l teve generosid.^e pa tan-
to, não deve também deixar de ter cora-
gem p:^a lembrar aquelle, q.^l de hoje em dian-
te é também um pai de sua filha. [Sponta-
neamente.]

Seabra

Nem eu o quero.

Angelo

Abrigado, doutor! [Com effusão e commoção.]

Cecilia

Meu amigo!

João.

Mas olhem q.^l eu endoudeço... [Chora e ri.] Po-
is então o pobre vendeiro...

Doutor

Agora uma dignid.^e p:^a o pai da filha de V.^l.

João.

[Tudo do doutor a Seabra e viceversa. Alegria extrema.]

Oh! almas nobres! oh! almas nobres!

Seabra

Será d'ora avante o administrador de todas
as ^{mas} propried.^{es} de

Angelo

83

Enão pede nada p.^a si q.^m faz tanto pelos ou-
tros?

Cecilia

Nuem nos deu a ventura a todas?

Seabra

Peca doutor, peca.

João.

Tudo a Cecilia. E voz m.^a Santinha! q.^a ainda vos
nao fallei!

Doutor

Pedirei, um talher na m^{ez}a p.^a a ceia de
hoje e um guinhão nas alegrias do dia
do noivado.

Seabra

Abraçando-o com effusão. Agradecido, doutor!

Angelo

Tudo, tudo q.^{to} queira!

Seabra

Vamos agora a' ceia.

João

Nuem pode comer com tantas alegrias?

Doutor.

Vamos lá! Angelo e apontando p.^a o grupo de
marmore. E agora visto q.^a gravei alli o

prologo d'este drama, não se esqueça de lá-
thar tambem o desenlace.

Cecilia

Domingo. / Ca' estou eu p.^a pedir.

Angelo

Que es o anjo p.^a m'inspirar!

— Acto I —

Fim do drama

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema